

DILZA
PINHO
NILO



**LONGA
MARGARIDA**

CRÔNICAS

LONGA MARGARIDA

DILZA PINHO NILO

Copyright ©2025

Fundação Itanhanduense de Educação e Cultura “Dilza Pinho Nilo”

Capa: Nancy Pinho Nilo

Revisão: Luciano Pinho Nilo, Pedro Cunha Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nilo, Dilza Pinho
Longa margarida [livro eletrônico] / Dilza
Pinho Nilo. -- 2. ed. -- Itanhandu, MG :
Ed. do Autor, 2025.
PDF

ISBN 978-65-01-57350-2

1. Crônicas brasileiras I. Título.

25-284821

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ISBN: 978-65-01-57350-2



Todos os direitos reservados à

Fundação Itanhanduense de Educação e Cultura “Dilza Pinho Nilo”

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia
autorização dos detentores dos direitos.

*A MEUS PAIS
A MEU MARIDO
A MEUS FILHOS*

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	6
PREFÁCIO	8
PRÓLOGO	10
CRÔNICAS	11
TIÃO	14
UM MENINO DORME... ..	17
PERFUMES	21
A VELHA	24
MUDANÇAS	27
MÁGICAS... ..	30
AS ÁRVORES DO QUINTAL... ..	32
MENINO NO DENTISTA.....	34
PASSADO.....	36
ENCONTRAMOS UM AMIGO	38
TRANSIÇÃO... ..	41
BINGO	44
NO CÉU TEM CINEMA?	48
O ELEFANTE	51
PENSAMENTOS NO CARNAVAL... ..	54
UM ENCONTRO NA TARDE	57
CAHORRINHO E OUTROS BICHOS.....	61
UM RETALHO DO NATAL... ..	66
UM ABAJUR LILÁS	70
MINHA BISAVÓ	73
NEM JOIAS, NEM MIUDEZAS!	76

SONHO E GOIABADA... (trecho de memórias)	80
A MOÇA DE TRINTA ANOS.....	83
AVENTAIS.....	86
APENAS AQUELAS MÃOS.....	88
ACALANTO GOSTOSO	90
A FABRICANTE DE CONFETES...	93
O MENINO E O VELHO	95
CHÁS...	99
GRAFIA.....	101
SOLILÓQUIO.....	103
O NOVO RELÓGIO	106
CESTA DE COSTURA	109
POR UMA INJEÇÃO...	112
CONFISSÃO	113
MENINA DE UNIFORME.....	116
PRENDAS DOMÉSTICAS	119
O RÁDIO	124
LEILÃO NA MINHA TERRA.....	126
À GUIA DE AGRADECIMENTO	128
PROFESSOR BRITO	130

APRESENTAÇÃO

Minha prezada Dilza,

Você há de permitir a intimidade. Vi-a garota, quando Promotor de Justiça de Pouso Alto, a que pertencia Itanhandu. E mais do que isso: quando era professor no Ginásio Sul-Mineiro, onde você formou o seu espírito e aprimorou a sua inteligência.

O seu livro, antes de tudo, me acordou uma doída saudade da juventude. De vocês, meus amigos. De sua terra que foi, sempre, tão carinhosa à minha juventude, como professor de História. De todos os meus colegas, onde avultava essa figura admirável do Prof. Brito, sobre quem você tem uma página comovente de ternura e reconhecimento.

Isso, entretanto, nada influiu para a opinião na minha apreciação literária. Dou-lhe os parabéns. A você e à sua terra.

Dedicou-se à crônica. Não é o gênero literário das escritoras, porque o predileto delas é a epístola. Depois, o romance. Você nasceu cronista. É, como sabe, o gênero que mais aprecio.

O que se exige do cronista? A síntese. A observação. O comentário do fato atual, com o julgamento próprio. Ou o fato, ou o momento que, subjetivamente, o cronista está vivendo.

Na minha opinião, você preencheu tudo isso. Não há crônica que não desperte emoção. Triste ou alegre. De pranto, às vezes. De riso largo. Ou de sorriso reticente.

Você despertou em mim isso, que na realidade tanto conheço. E o “Sonho e Goiabada”? E o “Leilão na Minha Terra”? E, afinal, o “Professor Brito”. Tudo isso me despertou emoções.

Sou, ainda, de opinião de velhos críticos literários. O que comove é bom. O que não comove não presta.

Aceite, Dilza, os meus parabéns. Quero ver o seu livro impresso.

Com todas as homenagens do

Alberto Deodato

Advogado, jurista, professor universitário,
jornalista, escritor e político brasileiro

Estreias literárias são coisas que estão acontecendo todos os dias. Principalmente na ficção, romance, novela, conto, menos frequentemente no ensaio, e com cautelosa raridade na crônica. O gênero, por ser dos mais atraentes, é também o mais sujeito a aventuras malsucedidas, e os estreantes, em geral, preferem alongar o tempo de ineditismo, publicando suas produções entre as “notas sociais” e os *sueños* maneirados de jornais do Interior. Dilza Pinho Nilo faz sua estreia real publicando este livro, cujos méritos não permitiram ao Editor qualquer dúvida quanto a incluí-lo na coleção tão bem iniciada por Alberto Deodato.

Longa Margarida não é uma simples estreia, nem, muito menos, uma simples promessa. Na sua saltitante multiplicidade, aqui um episódio doméstico, ali uma observação de fenômenos da mente, acolá uma historiazinha de província, é, como não deixa dúvida a sua leitura, um livro tão completo quanto completo pode ser um livro de crônicas. Vivo, jovial, leve sem ser leviano, comovente sem passagens lacrimosas, o volume é destes que se podem abrir em qualquer página e ler com a mesma satisfação de quem faz agradáveis descobertas.

A autora que agora se revela em livro, mãe de família que vive e ajuda a viver no Interior de Minas, tem uma facilidade tão grande de encontrar poesia em cada coisa que, volta e meia, o leitor se surpreende a dividir os seus períodos em versos. Por isso, não há obstáculos à leitura de *Longa Margarida*, a cujo fim se chega com a certeza de que não está extinta a raça dos que encaram o mundo com alegria de viver, nem estará, enquanto existirem autores como Dilza Pinho Nilo a escrever livros assim.

A leitura agradou-me porque notei na autora verdadeiras qualidades de cronista, especialmente aquele dom de colher das coisas cotidianas - até mesmo banais - a poesia

oculta que existe em tudo e que só os verdadeiramente poetas conseguem descobrir e revelar aos que não possuem o dom inefável.

Neste particular, há crônicas suas muito felizes, como aquela do avental, a das mãos da morta e muitas outras, de modo especial aquelas em que emoções e sentimentos maternos se externam sem pieguismo, mas com aquele tom de anseio e de angústia que paira sempre na alma de todas as mães.

Oscar Mendes
Academia Mineira de Letras

PRÓLOGO

Mas o que há de mais bonito no seu livro é você mesma, a sua alegria diante das coisas da vida, a sua felicidade de mulher e mãe que ali se reflete, a sua ternura por Deus e Nossa Senhora.

Dom Marcos Barbosa
Monge beneditino, poeta e tradutor
Membro da Academia Brasileira de Letras

O manancial onde se abastece o cronista é inesgotável. A vida o alimenta, nas suas aleluias, suas surpresas, frustrações, realidades.

O cronista nem precisa ir buscar muito profundamente o seu assunto. Ele aflora à sua memória, e basta, para isso, um tremular ligeiro na placidez do reservatório. Vem ele até sua sensibilidade, em sucessivas e ondulantes evoluções, que uma flor ou uma pedra, aí jogada, provocou.

É tão vaga essa busca e tão misteriosa! Uma palavra, às vezes, traz uma crônica. Ou a traz um gesto. Uma emoção qualquer. Uma lembrança. Insignificâncias.

Passa, impelida por brisa lépida, uma folha caída, amadurecida pela queda. E desperta uma ideia. Um risco na página, uma mensagem, sons!

O ensejo vem, como um apelo, e os pensamentos se engravidam de caracteres, como se, frutos maduros, carecessem cair!

É o que penso, lendo livros de crônicas, e as diárias, em revistas e jornais. Crônicas amargas ou joviais, leves ou carregadas, expressivas, estranhas, corriqueiras, maravilhosas, sonoras, tempestuosas, comoventes!

E ocorre-me que floresce, nas mãos do cronista, como um prolongamento de sua vivência, longa margarida de mil pétalas.

Ou se assemelham a noites melancólicas em que se multiplicam estrelas de brevíssimos instantes.

Quem se lembra de juntar pétalas dispersas? Ou quem pensa em arrebanhar estrelas que passam? A sua duração é a própria essência de sua estrutura: fugaz como a vida!

Sempre insisti que é inútil juntá-las em livros. Não lhes encontro substância que justifique a perenidade de uma coleção.

São sopros de vida, jogados ao acaso, caindo em folhas, sem repercussões e responsabilidades.

Não têm, pobres crônicas, a opulência de um romance, burilado pacientemente, nas minúcias de sua trama.

A crônica é boêmia borboleta que apenas dá o seu recado e esvoaça depois. Tenho, no entanto, as minhas ressalvas.

Eu própria releio os livros de crônicas. Dos mestres, velhos e jovens. Dos que trazem, autêntica, dentro de si, a marca do gênio, tão lúcida e pura, que, como Midas, transformam em ouro o pobre barro de que dispomos.

Quando escrevi minha primeira crônica para um jornalzinho, tinha um objetivo mais modesto. Queria apenas atender a um pedido.

Agora, decidem, mesmo contra a evidência de meus argumentos, juntá-las num livro. Eu, por mim, não ousaria, tão desluzidas as julgo pelas páginas ricas e belas e perfeitas de quantas já tenho lido. Mas insistem e talvez eu acabe cedendo, um dia.

Abrirei o meu viveiro de borboletas e é como se abrisse o próprio coração. Esse manancial, do qual comecei falando, está repleto e deverá ser fácil, ao bom cronista, servir-se dele.

A mim me custa.

A primeira vez que o provei, atendendo a esse pedido, vi, no horizonte de minha busca ansiosa, um bailado de crianças, numa noite de luar.

Depois, uma velha igreja, que se demolia, me instou a uma despedida. E as crianças dizem coisas, e me tocam tão profundamente o coração, que a ânsia de um desabafo vem como uma súplica, aquietando-se no papel. Mas isso não é fácil para mim, repito. O meu fôlego é muito curto e meus mergulhos são muito superficiais.

E minhas pobres borboletas são tão frágeis que não se aguentarão por muito tempo no espaço; eu sei.

E cairão por aí, entontecidas e ofuscadas, e nem saberão dar o seu pequenino recado...

Há sempre um Tião em todas as cidades. Pobres débeis mentais, com os quais as crianças iniciam maldosas brincadeiras e os adultos exercitam frouxas comiserações.

As crianças, numa facilidade inconsciente, mais inconsequente que maliciosa, divertem-se com esses brinquedos diferentes, maquinismos perfeitos, aos quais nem é preciso o trabalho de se lhes dar corda.

E os homens, às vezes, os olham também como a autômatos, robôs sem alma nem sensibilidade, que perambulam pelas ruas a limitação física, sem perceberem sua própria dolorida carência.

- Mas o que é que se pode fazer com os “Tiãos”?

Não temos sanatórios para essa loucura pacífica que carregam. Os nossos hospícios públicos são antros de tanto sofrimento, que só os loucos furiosos, sob camisas de força, lá permanecem. Ficam, então, por aí, esses tristes espantalhos de rua, dando talvez um humilde e resignado exemplo de submissão, com sua vivência sofrida.

O nosso Tião tem medo da morte. Os meninos fazem com os dedos uma cruz, símbolo de seu temor. Ele grita apavorado, e eles continuam, impiedosos:

- Tião, você vai morrer hoje!

- Não, grita de novo, arrepiado.

As crianças dão cruéis risadas e, satisfeitas, deixam-no a curtir num canto seu doentio pavor.

Tião veste sempre trapos humildes e cheira mal. Os cabelos enormes lhe caem pelas orelhas. Come, se a caridade o alcança, pratos de comida fria; bebe piedosos cafés pelos portões. Se está frio, ou se chove, abriga-se como um gato, no vão das

portas e sob as marquises, identificando-se à escuridão. Fala sozinho.

Os “Tiãos” não necessitam de companhia. Engendram, na mente obscurecida, seus casos e suas conversas. Enfrentam, sem armas, as hostilidades dos elementos, as doenças e a fome. E amam a vida!

Sós, sempre só, nos seus transe de dor ou mesmo de euforia, como ilhas remotas, afastadas do convívio dos homens, eles, isolados nas trevas do idiotismo, amam a vida!

Sós, exibindo as suas premências de compreensão, carinho, conforto, numa solicitação ansiosa exposta a olhos escarnecedores, eles amam a vida!

São todos assim... Mostram misterioso arremedo de ventura, no riso tolo e vão...

Talvez tragam, do fundo dos olhos tontos, a transparência de um coração puro, de uma alma cândida, como pérola que se esconde nas ásperas e rudes capas de uma concha feia.

Temos aqui um preto feliz, risonho e bom. Vive num rancho abandonado, em extrema miséria. Carrega latas d’água. Milhões de latas passaram pela carapinha, que embranquece devagar, e calçam o seu caminho para a eternidade... Como profissão extra, ele faz discursos. Por cinco cruzeiros – agora subiu o preço – é uma breve palestra. Por dez, um retumbante som ondulante sobe e desce ao ritmo da oratória desengonçada e, por vinte, é mais eloquente que um advogado em sua tribuna. Havia aqui uma mulher que, tão acostumada com o remoque e brincadeiras dos moleques, dizia, se não a molestassem:

- Eia, cambada, não vão bulir hoje?

E cuspiam a sua coleção de nomes feios...

Mesmo nas ruas supercivilizadas de Nova Iorque vi gente assim, confusamente vestida, berrantes chapéus fora de moda, faces exageradamente pintadas, passeando um desequilíbrio

mental evidente, melancólicos reversos de medalhas humanas. Estão, num canto qualquer de memórias de infância nossas, essas inúmeras figuras grotescas, avessos estranhos de quadros pintados por um mesmo pintor, contendo ubíqua e tosca mensagem abstracionista. Deus tem sempre poderosas razões para todos os seus atos. Ou, talvez, também ele, de vez em quando, brinque de ser Portinari...

No ritual noturno, antes de me deitar, está o hábito de dar a mamadeira ao pequenino. Sento-me na beirada de sua cama e, enquanto ele ruidosamente suga o leite, observo, enternecida, o seu mundinho: coisinhas que estão em sua mesinha de cabeceira e que fazem tanta parte dele!

O sono lhe fechou as pálpebras rosadas, e as pestanas longas cobrem de sombras o rostinho sereno. Talvez sonhe; mas sonhos tão puros, que lhe projetam na face reflexos angelicais.

Penso na luz, escondida agora, que faz com que seus olhos adquiram estranho fulgor, nas manhãs coloridas, em que, cadenciando o seu passinho junto ao meu, desvendamos a vida...

Que esperanças estarão na mente sossegada? Olho um ursinho de pano, já roto e gasto, sentado num canto; um elefantinho de veludo, de olhar maroto, brilhando na conta preta que lhe dá estranha simpatia. Um gorrinho de lado a acentua. Penso que ele terá sempre ternura para com fragilidades; vejo esse amor despontando nas carícias com que envolve os bicharocos disformes.

Ali está uma gaitinha desafinada. Gosta de música. Permanece tempo solfejando, tirando sons estridentes do instrumentando ingrato. Os agudos se repetem, e, identificando-se às músicas conhecidas, nele despertam alegria...

Vejo o seu relóginho, uma extravagância minha! Achei que era uma façanha ter ele aprendido a ler horas com apenas quatro anos, e o comprei. Mas deu-lhe tanta responsabilidade o presente! Com isso, talvez tenha feito dele um homem pontual...

Na gavetinha minúscula os lenços e meias estão em absoluta ordem. E ele faz questão de mantê-los assim. E é um bom sinal: um homem cuidadoso é uma preciosidade... principalmente para a futura esposa...

Rio-me, a essa ideia... Uma conhecida e velha ternura me invade toda, vendo-o assim largado, tão indefeso, submerso na quietude revigorante do sono e, por um quase nada, adivinhando-lhe o futuro... Uma onda quente, nem sei se alegre ou triste, mas tão emotiva e embargante, me sobe do coração aos olhos...

A mamadeira terminou, e fico ainda absorta. Continuo o meu inventário. Uma caixa de lápis de cor. São como um batalhão alinhado, que ele comandasse. Adora desenhar e, nos rabiscos incipientes, revela sensibilidade artística.

Corre ao meu encontro para levar-me a ver um pôr de sol. Está lindo vermelho e cor de ouro, diz ele. De fato, o sol se desmanchava em pródigas tonalidades naquela tarde. Outras vezes é um pássaro que lhe chama a atenção. Um beija-flor lhe merece todas as aclamações: - “Que beleza! Vem ver, mamãe”.

O ruflar das asas ligeiras, a longura do bico, o reflexo das luzes nas penas furta cores, tudo isso lhe põe um brilho novo nos olhos deslumbrados. Flores! Como se entusiasmo em colhê-las, em admirá-las, na festa exuberante de suas cores fartas...

Bolinhas de gude! Andou “tecando” com elas durante o dia, achando-se um campeão. O brilho lúcido dos polidos vidros de cor lembra-me perdidos dias de infância...tão distante...

Encontro uma gravatinha borboleta. Com que faceirice ele a põe no pescoço e, olhando-se ao espelho, ajeitando o topete duro de goma, diz, brejeiro: - “Bacana!”

Olho-o; tão tranquilo!... Os cabelos, levemente úmidos, têm um sedoso e macio contato. Eram tão poucos na cabecinha calva quando ele chegou. Uma penugem aveludada. Éramos – deixai que lembre outra vez – o pai e eu – na doce expectativa. De madrugada, quando ele avisou que ia chegar, saímos para o Hospital. Fazia frio! Tomamos da malinha, que enchera de ternura e de roupinhas leves como sonhos, durante a gestação.

Olhei para os outros quatro que dormiam, com aquele olhar que diz tanto, carregado de apreensões, porque sabemos que vamos penetrar desconhecidos e imprevisíveis caminhos...

Quando chegou, achamo-lo tão lindo! Peguei a minúscula mãozinha e beijei-a comovida... Agora, vejo-a descansando no travesseiro. Conheço-lhe cada ruguinha, acompanho as curvas caprichadas e penso no seu rápido desenvolvimento. Conheço-lhe, tão bem, os afagos que distribui, o jeito com que implora coisas, os gestos que me emocionam; mãozinhas que penetram nas lamas dos quintais e que se lavam para as refeições...

Que farão estas mãos queridas, Deus meu? Terrível é para as mães a incógnita dos caminhos... Os cinco dedinhos abertos são como estrela, rútila, para meu enleio. Duas estrelas no meu céu!

O menino dorme... e eu, boba que sou, encho-me de esquisita melancolia, contemplando esta riqueza, que é minha! Tão ou mais minha que o meu próprio pensamento. Pois é a única que realmente prezamos... Que defendemos contra tudo e contra todos.

Inquieto e sombrio é o momento que vivemos. Viesse um homem, qualquer que fosse, atacar estas crianças que dormem, e as defenderíamos com todas as nossas forças. Nós as livramos de doenças, do frio e da fome; de todos os males que estão por aí e os quais pressentimos... Agora, dizem os cientistas, bombas malucas estão envenenando o ar! O ar, que lhes enche os pulmões tenros e que deveria ser sempre doce e sadio... O ar, que circunda generosamente este planeta insano, cobrindo-o de vida! Mas esse mal com o qual nos amedrontam agora, não vemos. Pode chegar sorrateiro, ferindo-nos nas próprias vidas que demos! E não sabemos onde o inimigo... Não podemos atacá-lo, feri-lo, expulsá-lo! Aqui permanecemos passivas, temerosas, sentindo-nos tão perdidamente impotentes... Contemplamos

crianças que dormem e que acordarão, daqui a pouco, com brancos dentinhos à mostra, quais pequeninos sóis, pondo luz em nossas vidas!

Aqui estamos comovendo-nos com imóveis silhuetas que, na penumbra, numa imobilidade doce, lhes guardam o sono, tão impotentes, nós, quanto essas sentinelas inanimadas!

Do fundo de uma lágrima, pescamos uma esperança. Uma esperança teimosa que acalentamos decididas de que tudo não passe de sombras, receios vãos, para que não nos subjuguem as angústias.

Esperança de que o mundo continue mundo, desabrochando em flores que anunciem primaveras, que multipliquem sorrisos nos lábios das crianças...

A noite, lá fora, parece-me tão calma! Estridula um grilo em caprichoso cricrilo. Um galo insiste que é madrugada e falseia duas vezes o seu engano. A lua ainda recolhe as mágoas dos namorados...

Um vento brando mexe na cortina florida da janela.

Nossa Senhora está ali, de mãos abertas, oferecendo graças.

Apago a luz, como se apagasse o meu receio, e vou lavar a mamadeira...

Os perfumes entraram na história da Cristandade. O gesto, pleno de generosidade e compunção, que fez com que Madalena entornasse o seu frasco de alto preço nos pés de Cristo, ficou eterno.

Várias vezes fazem-se referências a perfume e santidade e louvores divinos. Perfumados como o cedro do Líbano...

Certa vez, indo com meu filho, que tinha 3 ou 4 anos, à Benção do Santíssimo Sacramento, ele me perguntou, intrigado com o turíbulo que se balançava apressadamente nas mãos valentes de um coroinha:

- Mamãe, por que estão fazendo esta fumaça? Respondi baixinho, na impossibilidade de explicação melhor:

- É para agradar ao Papai do Céu.

E ele, muito convicto, num argumento decisivo;

- Não agrada nada: deixa ele com os olhos ardendo...

É que cada um descobre, como pode, a mensagem dos gestos que presencia. Lendo, hoje, o meu jornal, deparei com estranha e comovente gravura: certa senhora da alta sociedade, tendo, nas mãos enluvadas, um frasco de perfume e, junto dela, um monge trapista, encapuzado e sorridente. Legenda: "Os monges trapistas estão fabricando, para sustento de sua Ordem, perfumes finíssimos, para a alta sociedade".

Os monges, serenos, longe do bulício das gentes, segregados de uma sociedade que não os atraiu, recolhendo essências, das corolas das flores cultivadas, para perfumar a podridão dessa sociedade?

Na solidão de um mundo onde a malícia não cabe, a inveja não viceja e a desesperança não medra, onde as mentes se alteiam, purificadas, nas ânsias de Deus, os monges indagam das plantas aromáticas o seu segredo...

Afastados do embrutecimento da matéria, nos longos corredores silenciosos do claustro, em longos diálogos com o espírito, eles arquitetam o seu novo laboratório de essências...

Será nova espécie de apostolado?

Nos salões fervilhantes e ruidosos de Paris, uma brisa inquieta se insinua, contendo, na suavidade de seu recesso, uma interrogação...

Talvez os monges, cansados de penitências pela insensatez do mundo, tivessem uma divina inspiração?

Talvez esse perfume de origem tão pura, nas imponderáveis balanças da eternidade, force o dinheiro iníquo a pesar um pouco menos... ou talvez detenha passos aventureiros dos que com ele se irão embriagar... Um encontro proibido... ansiedade... ouvidos surdos à murmuração da consciência... emoção... À última hora o frasco aberto... o pensamento se voltando para a austeridade de sua origem... para a pureza das mãos que o fabricaram...

Mocinhas que se engalanam, faceiras e afoitas, envoltas nas voláteis essências do amor, ouvindo doces e acalentadoras palavras ao embalo do original perfume... Talvez ele as proteja de possíveis aquiescências...

Jovens senhoras, recebendo o presente do frasco, talvez encontrem, no fundo do seu aroma, um inquieto recado...

Senhores que os comprem, e os enviam aos endereços mais escuros, insensíveis às fragilidades dos outros argumentos – cavalheiros de bolsos abertos às solicitações do prazer, pagando gotas de ilusão a peso de ouro, talvez estas de agora os redimam de tantas imprudências acumuladas...

Parece um paradoxo esta fotografia! Porque não se trata de tímidas loções de banho, modestos aromas que nem se atrevem mesmo a acentuar-se demais. São essências finíssimas, perfumes para a alta sociedade!...

Fico pensando na candura de Thomas Merton, por obediência, nos deliciando o espírito com as fragrâncias de sua pena... Mas a uma sociedade retratada com os rigores e a fraqueza de uma Sagan, a simples palavra “perfume” sugere sedução, vaidade, mistificação, futilidade...

Qual será, realmente, a mensagem desses frascos esguios e elegantes?

Ninguém lhe pergunta como vai a sua angústia; se melhorou a solidão, que é uma constante opressão no peito; não querem saber das pontudas saudades, que doem, como feridas abertas, dentro do exausto coração.

Só lhe dizem, com vago desinteresse, à guisa de cumprimento:

- Como vai o reumatismo?

Reumatismo! Que doa! Não vale nada a alfinetada manhosa. Às vezes, nas longas noites de insônia, é quase uma companhia...

- Sarou do resfriado?

Bobagem! A insignificância de um resfriado...

Não! Ninguém se interessa em saber como se aguenta o coração cansado de carregar e de sofrer memórias, sem forças de suportar a própria melancolia.

Uma sensação desesperada de estar jogada ali, como traste num sótão, apodrecendo devagar, fora do mundo, inútil! Foi despojada, como uma árvore à qual fossem pedindo tudo: as flores, os frutos, os galhos. Era, agora, o tronco escuro e gasto, com uma vontade expectante de se afundar, enterrar os pés no chão, de vez.

- Como vai, vovó?

E era uma “vovó” que doía... Não a ternura de uma netinha beijando-lhe a mão enrugada, roçando a face emurchecida com a fresca beleza! Era ironia: uma “vovó” cheio de intenção maldosa, insinuando tanta coisa...

Bolas! Não ligava! Falava consigo mesma, recordava... Ah! Os seus amores de outrora, os seus momentos solitários de deslumbramento! Bem sabia que a olhavam murmurando: “Caduquice.” Deixa pra lá! Até que se aproveitava dessa desculpa

para desabafar, vez ou outra. Resmungava. Agarrava-se à sua solidão como a uma amiga e fazia-lhe confidências. Julgavam-na mais surda de que era, e diziam:

- A velha anda impossível!

Ela se lembrava de quando usava o mesmo termo e dizia que as crianças estavam impossíveis! Eles se desforravam... Mas a palavra era ternura, era uma referência tão lisonjeira, quanto se dissesse “vivacidade”.

Remexeu sua mala; a um canto, apanhou restos de mensagens amarelecidas quentes, que palpitavam ainda de doce emoção. Contemplou retratos, leu cartões: Dia das Mães, aniversários, cumprimentos... Viu a vida desfilando mansamente. O retrato de casamento. Os sapatos pontudos, dos quais as filhas riram tanto e agora usavam iguaizinhos. Bem-feito! O véu esvoaçando, o perfume das flores nas mãos jovens...

As crianças! Tanto trabalho com sua intranquilidade; agora estão aí, paradas, sem o reflexo do desconhecido no olhar...Renato... eu me lembro do dia em que tirou este retrato. Não queria rir; depois riu forçado. A Alicinha esperando por alguma cousa... A cachorrinha preta, ao seu lado. Morreu de raiva, coitada! Foi preciso dar um tiro nela... O retrato de formatura do Tônico. Não queria estudar, perdia ano; depois tomou gosto. O Luís com o olhar macio pedindo doce, pedindo dinheiro; agora de que será que ele precisa? Não me pede mais nada... Ângela no seu uniforme de saia pregueada... a faceirice dela... Ainda hoje é vaidosa. Chorou um dia na aula; a professora veio trazê-la. Renato, outra vez; não gosto de menino pelado, mas o pai tirou... A Ângela de trança... tão minha naquele tempo... “Mamãe, deixa eu ir para a sua cama!”

Agora eram os netos, aquele mesmo sorriso indefinido, reproduzindo-se sempre... os traços amados, olhos sombreados de mistério...

- Meus Deus! Não haverá uma ponte por onde alguém penetre a profundidade desta mágoa que carrego sozinha? Sei que eles são bons, que eles o tentam; às vezes, jogam uma palavrinha mais confortadora; quando eu penso que vou refugiar-me naquela sombra, pronto! Foram-se embora! Só os meus pensamentos e minhas recordações...

Por que estaria assim, tão profundamente deprimida, desolada, como num transe de despedida? Usualmente não meditava em tristezas... Que força a impelia, agora, sombria e ansiosa, a revolver o passado morto? Guarda tudo – mania de velha – dentro de uma fronha. Deita-se nesse resto de vida que a máquina segurou para ela e prepara-se docemente para um longo, longo sono...

Ouç o ruído que fazem, além do muro. Nossos vizinhos mudam-se. A voz dos homens que ajudam, impacientes, não se sobrepõem às vozes das crianças, animadas, querendo prestar sua colaboração.

- Mamãe, vou levar isto?

- Não, jogue fora; não presta mais.

- E a minha bonequinha, a Tutu?

- Isso nem é mais boneca, menina.

- Mas eu ainda vou arrumar ela de novo, pôr os braços e as pernas.

- O meu carrinho também não tem mais roda, mas eu não vou deixá-lo aqui...

- Deixem esses cacarecos, crianças teimosas; não vamos levar nada disso!

Tenho vontade de dar palpite, mas não posso. Esses cacarecos fazem parte de suas vidas!

A mãe comanda o seu barco e o faz como acha melhor. E o barco está agitado! Estão todos atarefados e mal-humorados. É ruim mudar-se, trocar a vida de lugar, os hábitos formados em cada canto. O filho caçula nasceu ali. Todas as vezes que passarem nesta rua o dirão a ele, comovidos, e uma procissão de lembranças virá atrás das palavras:

- Meu filho, você nasceu aí, nessa casa.

E ali haverá sempre um marco, um mistério, pairando discretamente na frente indecisa da casa.

Um dos garotos sobe ao telhado. Quer ajudar no desprendimento da antena. É o que lhe interessa levar: os seus programas de televisão. Todos se movem numa angústia pressentida. Assim se desmancham as comodidades. Todas as aventuras têm um ressaibo inquieto. Que deixam atrás de si? Oh!

Tanto passado, um pedaço de vida sereno, que transcorreu depressa... a felicidade anda ligeira... carregada, nas manhãs de inverno, pesadas e sombrias; nas tardes claras de verão, avermelhadas e engrandecidas de ouro!

A casa vai ficando despojada e é como se os interrogasse, ansiosa:

- Vão me deixar?

Acostumada aos murmúrios da infância, aos pezinhos miúdos que a pisavam docemente, ela tem um leve ar de tristeza na descoloração das paredes desnudas.

Os quadros, um a um, foram retirados. Eram os seus adereços. Sua alma acomodada esperará agora novos moradores. A poltrona num canto, pesada de problemas e meditações. O chão lustroso, que agora já está riscado, ferido.

- Aonde irão as crianças?

Não se incomode, casa, elas se abrigarão em outro lugar. Havendo mãe, as crianças estarão sempre abrigadas...

Mesmo as árvores, no quintal, têm um aceno mais pronunciado, que a brisa auxilia.

Casa! Um amontoado de tijolos donde provém tanta segurança! Uma riqueza feita de tão pequeninas ocorrências! Mesmo uma casa de aluguel, tão provisória, impessoal, torna-se de um possessivo absoluto:

- Vá a nossa casa...

- Encontrar-nos-emos lá em minha casa...

Nossa casa! Que vai riscando um traço definitivo nas profundezas de nossas infâncias. Lugar que se distancia na memória, em remotas sombras, mas permanece quente no coração!

Refúgio sossegado e manso onde se despem os desencantos e se acolchoam de serenidade os combatentes que a habitam.

Nossa casa, nosso eterno caminho, para onde os nossos passos sempre nos conduzem!

As casas de nossa vida constituem um patrimônio de tranquilidade e ambiência, continuidade e afeto!

Os passos que ressoam lá dentro delas, das saudades e das reminiscências! Tudo na simplicidade e na formação de cada dia, na rotina de cada minuto!

Casas, testemunhas imóveis, sentinelas carinhosas de nossas vidas atribuladas!

- Mamãe, como será a nossa outra casa?

E a voz da mãe, como se fora a própria voz da casa, vem lá do fundo de uma promessa!

- Vocês gostarão de lá também... Teremos um quintal e um jardim com muitas flores...

Às vezes, nos quedamos confiantes, bem abrigados, serenos, no recesso desses lugares amenos, que preparamos a nosso gosto, e uma pergunta inquieta fura a nossa curiosidade:

- Como será a nossa casa definitiva?

Hoje ele trabalha num banco. Era um menino que queria ser mágico. E só pensava no seu futuro brilhante, aventureiro, exibindo-se em palcos cintilantes, pelo mundo afora tirando intermináveis coelhos de cartolas, cordas inteiras de lenços multicores dos bolsos miraculosos, tudo o mais que os via fazer. Na escola era desatento e inconformado.

- Pra que estudar Geografia! Mágico não precisa saber nada disso...

A mãe se aperreava com a aspiração, para ela terrivelmente tola, do menino e punha, aflita, as mãos na cabeça:

- Será que eu tenho que virar bilheteira de mágico?

E era aquela luta. Estuda. Não estudo. Estuda...

Hoje, no portão, eu vi esse menino, mágico frustrado, passar.

Guiava um carro próprio e tinha um ar sério, com circunspectos óculos de aros grossos e toda a dignidade de um funcionário graduado do Banco do Brasil.

Talvez ele nem se recorde da aspiração de infância e esse tenha sido mais um dos seus sonhos, dos tantos com que se enchem as cabeças dos meninos. E subitamente me ocorreu que eu, mãe de família muito atarefada, com todas as complicações decorrentes desta profissão, sem nunca ter pensado em realizar mágicas nesta vida, de repente me pus a fazê-las. Não tenho nem palco, nem nada!

- "Olhem, senhoras e cavalheiros, não tenho nada nas mãos. Nem deste lado, nem do outro. Podem ver."

Arregaço as mangas para que vejam bem. Dentro da cartola, que é sempre um mistério para o espectador, há o forro comum, de seda preta, lustrosa. Dentro da minha cabeça encontrarão talvez massa cinzenta – acho que muito pouca.

Mas de repente comecei a tirar dessa cartola uns lenços, frágeis páginas que ando espalhando por aí, enchendo gavetas.

Recolho, dos fins das tardes, aquelas cores e sombras com que os tinjo e, mergulhando-os nas tintas imprecisas da memória, consigo estranhos lenços apagados, desbotados, amassados.

Mesmo assim, vou ensinar aquele senhor esse jeito de realizar sua vocação.

Tenho impressão que essa é a magia mais fácil do mundo.

Todos têm essa cartola, essas tardes, memórias e coração...

Quando as plantamos, eram mudinhas insignificantes. Nem de longe a gente poderia imaginar como se tornariam topetudas!

Sementes são mesmo um milagre! Assim como os gestos. Estes, de ressonância imprevisível, com raízes na própria eternidade. E aquelas, descoloridas, pequeníssimas e trazendo um mundo dentro de si.

Mas, voltemos àquelas mudinhas... Foram plantadas no quintal para fazerem uma cerca viva a um campo de tênis. Depois, acabou a mania de jogo de tênis. As raquetas ficaram guardadas para um possível retorno; sumiram-se as bolas. E as árvores ficaram. O mato invadia a quadra, antes tão polida e vermelha e cuidada com o pó de telha, e imperou de novo por ali o verde rasteiro, cor primitiva daquele chão.

E as árvores crescendo e virando abrigo de pardais. Espichando, muito à vontade, os galhos fortes para o alto, em digna e senhorial exuberância; recolhendo as chuvas geladas, sem finalidades frutificadoras. Agora sua sombra farta está prejudicando arbustos vizinhos, os quais justificam o lugar que ocupam com promessas de frutificações futuras.

Decidimos cortá-las. Inúmeras pardocas irão ficar sem seus ninhos, assustadas, despejadas – e sem aviso prévio.

Os pássaros não devem ter leis de inquilinato, nem outras, com certeza. Pois eles não fiam, não trabalham e se vestem tão magnificamente e estão sempre tão bem alimentados, com os peitos roliços e cheios. Ah! Se lhes fosse proibido recolher grãos nas searas alheias como aos homens...

Hoje, numa rápida visitinha ao quintal, decidimos a sorte dos pássaros e das árvores. A lenha será recolhida e os pássaros sairão por aí, danados da vida, à procura de novos abrigos.

Com certa melancolia pus-me a pensar na sorte das coisas... É muito importante, nesta vida, estar no lugar certo... Há arvorezinhas discretas, - arbustos até sem graça nenhuma, - e outras elegantes folhagens que nem dão fruto, nem flores e estão bem galantes e fagueiras em jardins e em salas de visitas!

É que estão na moda e com certeza foram até compradas por muito dinheiro. E nem sequer abrigam um passarinho de Deus.

Mas as árvores que pretendemos cortar quiseram ser promovidas a árvores de quintais. Não são laranjeiras, nem mangueiras, nem nada e intrometeram-se aqui...

Se estivessem sossegadas, lá num fundo de mata, produzindo as chuvas vindouras com respiração providencial de seus pulmões – as folhas, lá ficariam até mais desenvoltas. Cairiam por si, de pé – como disseram que morrem as árvores...

Não lhes digo: bem-feito! Que não sou mal-agradecida e elas já foram a cerca de um campo de tênis. Mas eu não lhes vou poupar o corte porque elas deveriam saber que quintais são área muito reduzida, e que não se podem expandir assim, galhos e sentimentos, sem imediatas punições!...

Vamos ao dentista meu filho e eu. É a primeira vez que ele vai enfrentá-lo. É penoso, eu sei para uma criança de seis anos.

Animo-o como posso, sem mentiras. Sinto-lhe o nervoso na mãozinha fria. Tento distraí-lo com histórias...

A sala de espera é inexpressiva! As revistas não interessam à criança. Ele olha as paredes, examina-as minuciosamente. Está aprendendo a contar e pratica com os quadros, as flores, as manchas talvez; percebo que quer desviar o pensamento do seu problema.

Dois outros meninos, na sala, tratam de “preparar” o terreno:

- Você vai obturar?

- Acho que sim, responde com altivez. Acho que tenho um buraquinho no dente.

- Ih! Tem que pôr motor e dói...

- A mamãe disse (e vira-se para mim, confiante) que parece um avião!...

Pudesse eu evitar que ele sofresse! Mas nós estamos vivendo e a vida é esse aprendizado eterno... Pouco a pouco as crianças conversam animadamente e vejo que ele está dominando o receio.

Quando chega a sua vez, porta-se com coragem. Submete-se com doçura. Aperta a minha mão como se esse contato lhe transmitisse a coragem que apresenta. Perscruto sua fisionomia ansiosa... Ah! Se me fosse possível ajudá-lo assim em todos os seus momentos difíceis!

Depois, vejo que é, sim, possível...

Quando ele não puder sentir minha mão na sua, transmitindo-lhe força, sentirá o meu pensamento no dele!

Minhas palavras formarão o seu mundo (por isso é tão difícil escolhê-las...) ajudá-lo-ei nas suas atitudes, nos seus atos, amparando suas decisões como o amparei em seus passos.

Pelos meus desvelos, pelas minhas preces, eu estarei projetando-me nos seus dias futuros, nos seus momentos decisivos, tristes ou alegres.

Enquanto eu estava nesse devaneio, o dentista prosseguia o seu trabalho e, nos meus olhos enevoados, pude contemplar os olhinhos brilhantes de meu filho suportando a dor!

- Pronto! Disse o dentista. Você é um homem de verdade!

E eu fiz a Deus a mesma prece; não nessa afirmativa animosa, mas numa súplica muito enternecida:

- Que ele seja, sim, um Homem de verdade!...

Trocaram por um fogão de gás o antigo fogão de lenha da casa de meu avô. Foi como se apagassem, com isso, um último traço que nos ligava à infância...

Aquele fogão enorme, sempre aceso, sempre trabalhando, queimando a lenha com paciente lentidão... O foguinho alegre, pulador e familiar, que esquentava sem canseiras as panelas de ferro e pedra...

O progresso começou a entrar ali... onde tudo é de outro tempo: os móveis, os utensílios, os moradores, inclusive meu avô...

Penetrar naquela casa era como entrar o passado. Era espiar, com olhos da infância, pelas frestas das portas imensas, os tesouros guardados, os vinténs de outrora, os mistérios de outra época. Era, com os mesmos olhos assustados da meninice, encarar temerosamente os retratos dos mortos, nas paredes, com aquele estranho olhar que o tempo parou.

Era recordar, na cozinha, a travessura tantas vezes comentada de um filho morto; aquele vidro quebrado na janela, contra o qual um gênio forte arremeteu toda a força de sua impetuosidade. O meu famoso tio Fausto, morto aos dezenove anos, e que um retrato apagado personificou, para nós, num rosto fino e viril, e do qual nos contam as artes mais espalhafatasas. Deixou, atrás de si, aquele rastro de gênio irrequieto, de humor buliçoso, de alegria incontida, como se ele adivinhasse que sua hora era curta e que deveria apenas sorrir...

Era ir deslumbrar-se com o oratório da vovó: aqueles trêmulos anjinhos, pendurados pela cintura, balançando a sua meiguice num presépio que durava o ano todo. Ali havia tudo o que de santo ela pudera juntar: imagens várias, igrejinhas de papelão, medalhas, escapulários, restos de terços... e eu me

lembro de seus últimos gestos, na agonia, passando contas intermináveis de um terço imaginário entre anular e o polegar, até que a morte veio e sustou os movimentos milhares de vezes repetidos...

Recordo os momentos de festas daquela casa grande e os momentos de dor. E percebemos que ela está distante, que se vai afastando miraculosamente, embora ainda plantada no chão de hoje.

Agora, parece que o progresso começou a vencê-la.

Tem o seu fogão de gás. Terá, talvez, uma geladeira. Meu avô começa a ceder aos argumentos do progresso, ele que heroicamente resistia às suas manhosas e invencíveis artimanhas.

Penso mesmo que até as paredes poderão perder suas guirlandas de flores miúdas, seus barrados vistosos de óleo lustroso.

E sentimos, melancolicamente, que isso é uma espécie de traição. Nem a música de um rádio havia profanado ainda aquele silêncio, onde dormem, sossegados, os fantasmas do passado. Ali, onde quase todo o ruído que se ouve é o deslizar de uma cadeira de rodas e a música suave de um fogão crepitando...

Olha-nos com a transparente bondade que dele emana. E acha-nos bons, também. Bem sabemos que é o seu olhar que nos reveste desta auréola amiga e desmerecida.

Ele nos traz Nova Iorque de novo, na saudade leve que se desprende das evocações. Cidade, que nos pareceu tão amiga e acolhedora, oferecida como nos foi na bandeja de suas gentilezas.

Encontramo-lo, a primeira vez, dentro de um ônibus, num passeio coletivo. Ele ali fora para escutar o Brasil. Vinham de vinte anos atrás as suas saudades, que procuramos amenizar, contando-lhe coisas, cantando canções, atualizando as popularidades. Ouve-nos com enlevo. Depois, dá-nos todo o tempo de que dispõe durante nossa estada ali.

Na cidade fascinante que nos mostrou, não reconheci a cidade amarga, tentacular e paradoxalmente vazia que Fernando Sabino descreve. De ponte de Brooklyn, de onde o cronista se despede com desencanto, vimos a cidade imensa através da luminosidade solícita de nosso cicerone. E eu me lembro da admiração incontida que nos causam os espetáculos grandiosos e a natural inquietação de que o momento encantado passe tão breve! Ele dulcificou para nós todas as paisagens; as agrestes belezas dos monumentos; os tenros gramados de Central Park, enverdecidos de veludosos tapetes com que o verão o presenteava; as cintilações faiscantes dos anúncios; o embranquecimento gradativo do céu, que a languidez da fumaça intensificava; o contorno majestoso do horizonte alfinetado de agressivas pontas; os olhos indagadores e abertos das janelas; as ruas longas e certas; a confusa e oriental decoração do Bairro Chinês; o passeio ao redor de Manhattan, onde recolhíamos estáticas belezas guardando-as, em invólucros deslumbrados, em

fundos de memória, acomodando-as ao ritmo das oscilações da lancha.

A noite se dissolve, encantada, no vozeiro travesso da multidão apressada, feliz, na segurança de sua grandeza. As estruturas gigantescas têm maciez de ternura, nas apresentações de nosso amigo. Tem-na também os quartos confortáveis e refrigerados dos hotéis, onde pousamos a mente entontecida de cansaço e animação; as alegres salas de espera, enfeitadas pela presença de uma amizade simples e espontânea.

Hoje nosso amigo nos veio ver. Veio conferir as lembranças de um Brasil de vinte anos atrás, que ele acolheu de amor. Encontra o Rio cheio de progresso, menos belo. Nada lhe pudemos oferecer além de cordialidade, porque sua bondade é tanta, que transborda da mala, trazendo-nos novas surpresas americanas. Lembramo-nos de meses atrás, na melancolia das despedidas, seu aceno tranquilo, trazendo-nos ainda, já no avião que nos conduziria de volta, a mensagem ampla de seu carinho, no gesto imobilizado que se acomodou em nosso coração. A cabeleira grisalha, a barba sempre bem aparada, os colarinhos cuidados, o andar macio de quem pisa a vida com afeto e desvelo, as mãos espalmadas e abertas, gestos de quem está sempre em disponibilidade.

Aqui, bebe com delícia gotejantes copos de guaraná, que o calor torna mais saborosos.

Conversa com lustrosas goiabadas em termos de saudade e encontra, no sabor do feijão mineiro, um gosto de mocidade que o entenece.

Poucos dias e se irá de novo, tornando Nova Iorque mais distante de nós outra vez.

Aquela cidade poderosa, gigante, onde a vida palpita e estremece na cadência do progresso e da pujança, se aninhou inteira nos olhos límpidos e azuis de nosso amigo e despejou uma

saudade pressurosa e mansa nas memórias mais belas de nossa viagem.

Tenho pena do cronista, que não encontrou um amigo desses para desvendá-la e que disse, deprimido, que viver é perder amigos.

Como foram diversos os nossos passos!

I'm sorry, Sr. Sabino, que não tenha trazido, para enriquecer as suas reminiscências, além de um filho e de uma geladeira – sem dúvida ótimas aquisições - a lembrança de um amigo assim.

Ele foi o melhor presente que Nova Iorque nos podia oferecer...

- Que é que fizeram da vida? Nada.

Cresceram, casaram, tiveram seus filhos, tenras flores de carne, para seu devaneio e sua ocupação. Vá lá! E nada mais?

- A vida foi só isso mesmo: missa aos domingos, cumprimentos de parabéns e de pêsames; tudo tão rotineiro! Mudaram-se fraldas e aconteceram coisas miúdas, comentadas na vizinhança. Festinhas de aniversário.

Isso mesmo! Dois, quatro, vinte anos! Velinhas e filhos crescendo, por seu turno. Agora estão aí, tão insensíveis, pensando somente neles, não ligando nem um pingo para o ninho que os abrigou...

- E vocês, estão querendo viver os seus sonhos de novo? Como ervas de passarinho, agarram-se ao que é deles? Querem renovar-se, recuperar a vida, que lhes escorreu das mãos como de um vidro partido?

- Gota a gota. Eram dias? Mas pareciam minutos...

- Bem, é que os minutos fazem dias e fazem meses e fazem anos... e os anos fazem a vida... O que fizeram dela?

- Não sabemos... Não fizemos nada... Havia uns dias diferentes; isso, sim! Alguns deles – os dos nascimentos. Pequenos minutos gloriosos, mas precedidos de dor... Eclosão de emoções, parece. Mas os outros eram tão iguais! A mesma cara escorrida, conhecida, sem surpresas... os mesmos probleminhas... coisinhas de nada... E eu nem vi que, como num filme, era a vida que estava passando.

- Olhe os retratos!

- Sim, os retratos. Testemunhas imóveis que a máquina captou. Olhares que se fixaram em perdas sombras...

Manhãs de sol, areia branca, guarda-sóis coloridos numa praia deserta... Pernas, muitas pernas! Eram pernas de crianças;

de repente, não são mais sapatos de crianças que lhes calçam os pés... São de salto alto! Mas parece-me que não vi a transição...

- Também a transição do dia para a noite é vagarosa, chega de manso... Quase... mas olhe o céu!

- Onde estavam escondidas aquelas estrelas?

- Ah! De dia você não as viu? Pois estavam aí mesmo.

Aproveite as estrelas, afague a sua noite; sua vida é noite agora... A noite é o seu presente!

- Que é que fizeram da vida? Estranha pergunta a sua... Vivemos!

- Viveram? Não sabem? Viver é isso? Levantar-se da cama aquecida, com esforço. Banhos frios e quentes. Banhos de esperança que se renovam como chuva... E arroz e feijão, também... Proteínas! E o sangue se desenvolvendo em litros de vida, convertendo-se em pensamentos e em calor. Para aquecer essa frigidez que, às vezes, é quase de um cadáver. E os pensamentos... aonde foram?

- Estão por aí. Eram sangue? O sangue se escoou dos ferimentos. É, talvez fosse...

- Mas havia um jardim...

- Não era um jardim. Um jardim é muito mais completo. Eram flores só...

- Era a infância... Você não sabia?

- Havia, sim, sonhos de todas as cores; pareciam rosas...

- E você imaginou-as eternas? Não sabe que as flores se desfolham, fenecem?

- Que pena! Não era um jardim..., mas que é que existe, agora?

Ainda há vida!

- Pois, certo!

- Ainda as refeições, agradáveis ao paladar; todos em roda da mesa como se se unissem para uma renovação, um ritual

solene... Conversas quentes, corações enternecidos, amizades...
Ainda há natais, berços vazios que se encherão! Há os que partem
e os que chegam; há lugar para muita coisa ainda neste mundo de
Deus...

Nosso amigo está desorientado! O seu problema parece insolúvel. Disse-nos ele, imensamente contrito:

- Há atos impensados que se praticam e dos quais nos arrependemos pelo resto da vida!

Muito bem-dito. Até parecia que ele nos contaria uma tragédia. Lembrei-me de Fulton Sheen, que nos diz quase o mesmo:

- “Todos fizemos coisas na vida, que desejaríamos ardentemente nunca ter feito”.

E emite conceitos e orientações, provindos de arrependimentos tardios. Mas nada disso servia para o problema de nosso amigo. Fulton Sheen trata do espírito. Nosso amigo fala de seu cachorro.

E conta-nos:

- É um casal sem filhos. Com pena da solidão da esposa, ele se lembrou um dia de levar-lhe um cachorrinho. Um pequinês de pele dourada e carinha franzida, fantasiada de inocência...

O bichinho movimentou a casa com o ruído de sua vivacidade. Mimado, começou a aproveitar-se da situação. Nenhum bebê é mais sabido. No começo, dormia em outro quarto. Depois foi ficando manhoso e acabou indo para o quarto deles. Foram cedendo e o inocentinho tomando conta da casa.

Ele reconhece que isso, assim, contado, pode parecer ridículo; mas submeteu-se, sem outra alternativa. Enfrentar, com um coração sensível, uma lágrima de mulher, sabem lá o que é isso?

Não, vocês não sabem...

Nas noites de chuva, o Bingo não os deixa dormir, apavorado!

No dia seguinte amanhece doente de medo. Na última noite de chuva, nosso amigo, cansado, levantou-se, indo para uma janela; fumou um cigarro para afugentar a raiva e os maus pensamentos e apanhou um resfriado.

Quando compraram o apartamento, não cuidaram de averiguar antes quais os moradores que poderiam ocupá-lo.

Gostaram da vista, do acabamento, do preço e fizeram o negócio.

Agora, estão sendo processados pelo síndico. Não podem ter o Bingo com eles.

Também terminaram de vez as doces tardes de cinema, de teatro e de jantares fora. Eles têm de sair como o sol e a lua, um de cada vez. Se saem juntos, todo o edifício fica sabendo: o Bingo conta...

Longe do bichinho, nosso amigo tem as melhores intenções.

Eliminá-lo! Chega à casa, e o danadinho parece que adivinha as suas macabras resoluções.

Redobra os seus afagos e lá se vão por água abaixo os pensamentos audazes.

Não pode dar nem eliminar o bicho. A esposa não lhe perdoaria. Por morte natural talvez o bichinho ainda leve uns dez anos para solucionar a questão.

Se lhes chega uma visita, o Bingo as recebe numa confusa cordialidade, com latidos estridentes e os dentinhos à mostra.

Cautelosos, asseguram que o pobrezinho não morde; mas, por seguro, predem-no num quarto, donde ele interrompe as palestras mais cordiais com seus protestos.

Nosso amigo desabafa e se despede, pensativo e desolado.

O seu problema é tão terrível, que não lhe pudemos dar ao menos o conforto de uma sugestão...

Houve um vozeiro esquisito, quebrando de repente o silêncio, onde eu rabiscava.

Saio para ver. Era um homem estranho. Estranho de língua, de maneiras, de gestos. E explicou que era um poeta uruguaio.

Não lhe ouvi o nome. Estava ele em excursão pelo interior do Brasil, hospedado num hotel, aqui, e desejava um exame médico para frequentar a piscina.

O seu problema seria simples – se fosse hora de consulta, se a piscina fosse pública e se estivesse hospedado com um dos sócios, que teria direito de lá levar os seus hóspedes.

A um poeta, cuja alma sensível se afasta logicamente de problemas, eu tive pena de desanimar e dizer logo estas coisas.

Disse, apenas, que o médico não estava. Não vou atrapalhar os seus sonhos, poeta, as suas vibrações estéticas, imaginando talvez as delícias da água verde, os gritos gárrulos das crianças, peixinhos falantes e barulhentos, e a infinita paz que o mergulho arrepiante lhe proporcionaria...

Não vou perturbar o poeta de seus devaneios aquáticos porque existem regulamentos. O seu problema é fácil, pensa ele:

- Yo no tengo fungos nos pés...

O regulamento não diz se poetas, que não tem fungos nos pés e que têm a língua doce e musicada das longínquas plagas, serão uma exceção...

A poesia cresce, como fermento, dentro do coração do poeta e espia por entre os seus olhos escuros. Ele olha a tarde limpa, ensolarada, morna: divisa ao longe o sinuoso desenho das montanhas, e quer mergulhar tudo isso nas águas recém-inauguradas da piscina.

Não sei quem lhe dirá dos regulamentos, lhe cortará as proposições. Talvez o poeta fique um pouco triste com uma negativa; mas um pouco de tristeza a mais, além da que ele já deve ter para o gasto com a sua profissão, só lhe pode fazer bem...

“Um poeta só é grande se for triste.” E um poeta só é triste se tiver motivos para o ser. De seu desencanto: um banho gorado – pode-se lá medir o tamanho dos desencantos num coração de poeta? – surgirá uma linda página.

Com a mágoa poderá vibrar a sua lira e desistir do banho.

Não entendo de poesia. De natação muito pouco. Mas há tanta poesia no recipiente verde, atulhado de cores, de risos de prazer!

Há tanta emoção nas crianças, espadanando água; nos adultos, em pulos do trampolim; na água generosa, que a todos acaricia no seu amplo abraço, que eu acho, sinceramente, que deveriam permitir ao uruguaio o seu mergulho.

Há certa lógica em um poeta ir procurar o rumo de sua musa em águas inquietas que dançam...

Encontrará ele ali a sua dose de lirismo?

O poeta é um homem que “declina de suas responsabilidades”, disseram. O que não é verdade com este.

Ele quer expandir numa nadada salutar a sua poesia de outras terras.

E com a responsabilidade de uma ordem e de um atestado médico, porque, ele garante, não tem fungos nos pés...

Há uma pessoinha muito importante e que quase passa despercebida de todos em nossas missas. Ele é notado, geralmente, só quando erra nas cerimônias: o coroinha. No entanto, é uma criança que, engrandecida com a honra de subir ao altar de Deus para servi-lo, enfrenta o tempo e o sono e ali vai participar do sacrifício.

Uns são espertos, imponentes; outros contritos, vagarosos; outros ainda distraídos ou sérios; dependendo de seu temperamento ou de disposições de espírito. Noutro dia um deles se encabulou com a bainha da calça desmanchada e, sorrateiramente, ajeitava-a com o dedinho. Ela despencava de novo e eu, ele e mais alguém, perdemos alguns minutos de contrição com a bainha teimosa...

Na Semana Santa eles se compensam um pouco do descaso que se lhes presta nas cerimônias comuns. Aí ganham atribuições novas, serviços mais notados e importantes... Saem paramentados, com a batininha vermelha e a sobrepeliz nova, alva e engomada, para o meio do povo, dando ordens, distribuindo palmas e velas, “atuando” como pequenos pastores que comandam os seus rebanhos. Estão ali, em gérmen, os futuros padres, no seu aprendizado primeiro para o ofício divino.

Há quem pense que, pela rotina da lida diária, possam perder o encantamento de Deus, pois parecem, às vezes, displicentes. Mas esse lidar com as cousas sagradas assim tão de perto, tão todo dia, deve levá-los a um amor maior de Deus, pois é um amor que nasce da convivência, e, por isso, fortalecido cada dia, enraizado sempre mais profundamente. Vivendo com o espiritual mesclado ao material, tão dentro da vida, realizando atos tão essenciais como outros atos rotineiros, mas nem por isso menos entusiasmantes, porque há ali, sempre, a força do

sobrenatural a polir as arestas do hábito, penso que a fé destes meninos deve ser límpida e generosa.

Que linda oração deve fazer, na sua ingênua candura e espontaneidade, apenas despertando para os mistérios de beleza e de misericórdia!

E fiquei imaginando-O a ouvir embevecido, distraído mesmo, prestando menos atenção ao padre do que a um menino que dizia, numa rigorosa manhã de inverno:

- Deus, bom dia!

Precisei de muita coragem para vir hoje!

A cama estava quentinha e gostosa...

Até parecia que ela possuía um braço que me agarrava.

Eu queria sair e ela não deixava.

Foi preciso pensar que Você me estava esperando; daí dei um arranco e ela me largou...

A camisa estava fria, Deus, só Você vendo!

A água me deu arrepio, como quando eu vou ao dentista; Você sabe!

Olhe, Deus, estou com medo da professora!

Ontem fiquei jogando futebol e esqueci da lição.

Dê um jeito dela não me chamar na arguição!

Confio em Você, hein? Você não pode tudo?

Olhe, se eu não souber, ela manda um bilhete lá em casa e vai ser um tempo quente!

Depois, hoje tem um filme bacana!

Pena que você não possa ir; é faroeste...

Ah! Mas você pode. Entra em todo lugar até com porta fechada!

No céu tem cinema?

E tem censura também?

Censura é tão chato!

Quando papai a conhece e diz que não posso ir, fico danado!

Depois eu me lembro que decerto Você não gostaria que eu fosse; eu me conformo!

Mas o de hoje nós podemos ir: censura livre!

Ih! Está na hora da respostona:

“Susciptat Dominus sacrificium...”

Você se lembra como custei para aprender isso?

Aí no céu falam essa língua, não é?

“Agnus Dei qui tollis peccata mundi...”

Sabe que eu gosto de ajudar na comunhão?

Está na hora...

Gosto de ver as bocas se abrindo, como cavernas, pra Você entrar...

Como é que Você faz para se ajeitar dentro do coração deles?

Deve ser divertido Você ver, de verdade, cada um como é por dentro; ir com eles para casa, ver tudo o que eles fazem...

Sessenta e oito, e nove, setenta!

Setenta comunhões. Você está contente?

Ontem o Padre disse que você convida, convida, pra seu Banquete, e ninguém vem...

Ninguém, não; não é?

Outro dia, mamãe deu um jantar para vinte e cinco pessoas e disse que era tanta gente!

Ah! Mas Banquete de hóstia é diferente...

Quase não dá trabalho...

Bem, Deus, está na hora de ir tomar café.

Não se esqueça da professora, hein?

Até amanhã,

Amém...

O circo chegou! A garotada estava feliz!

- E tem elefante!

Um elefante valoriza o circo; ia dizer: engrandece-o!

E, uns aos outros, vão espichando a notícia alvissareira:

- O circo tem elefante! Que bom!

- Bicho feio, mas simpático!

De tarde, enfeitam-no com fitas e guizos que tinem à cadência mole e pesada das patas tardas e descompassadas. Monta-o uma mocinha sorridente que distribui, como bônus antecipados, beijos soprados das pontas dos dedos.

O elefante espraia pela paisagem o olhar melancólico, de olhos que se esqueceram de acompanhar o crescimento do corpo. E exhibe, sem nenhum entusiasmo, o corpanzil cansado de pregas. Saudoso está das antigas paragens que habitou.

Dão uma volta ligeira pela cidade e se recolhem para o espetáculo noturno, que a voz do palhaço anuncia com estridência.

Das selvas africanas ou distâncias similares, veio o bicho, para enterrar-se nesta cidadezinha sossegada! Estranhos são os destinos dos homens e dos bichos!

À noite, antes do espetáculo, chuva intensa lava a cidade.

- Não tem perigo – sossegam as crianças -: a coberta do circo é impermeável e vocês não perderão o espetáculo!

- Não tem perigo, dizem os artistas; o povo virá assim mesmo! Teremos a casa cheia!

Mas, no acampamento onde se acomodaram, o bicho disforme, travesso, desassossegado pelas saudades ou pelo cheiro molhado que lhe despertou vagas inquietações, eleva para

o alto a tromba e toca, de leve, um fio que se atravessava quase despercebido ali. Alta tensão!

Cai, estremecendo ao choque, com todo o fragor de seu enorme peso. E o cansado e saudoso coração, que anteviu nas ruas um vislumbre de relva e uma difusa felicidade de mata nas serras além, sucumbe rapidamente.

E o circo não tem mais elefante!

Esbravejam os donos! Quem pagará o prejuízo? Ora, o elefante se suicidou!

- A companhia de Luz e Força terá que pagá-lo!

Mas ela não espicha os seus fios à prova de elefantes peraltas...

- A Prefeitura!

A Prefeitura apenas dá licença para que o circo funcione e garante com isso um camarote para o Prefeito e para a Polícia. Em bom lugar! A Prefeitura não tem nada com os acidentes.

- O elefante estava segurado?

Nada! Um elefante vive tantos anos – se não faz diabruras – e ninguém se lembra de segurar a vida de um deles!

Os donos do circo têm de se conformar com o prejuízo; mas, além dele, ainda têm um problema.

- Que farão com o elefante morto? É bem complicado ter elefantes...

Toda a cidade se comove com o acidente e surgem comentários:

- Amanhã os açougueiros vão vender carne de elefante...

- A alma do elefante vai assombrar a cidade...

- Elefante dá azar...

- Os fotógrafos virão tirar fotografias...

No outro dia, bem cedo, já haviam arranjado lugar um pouquinho afastado para enterrar o bicho. Fazem depressa a cova funda. E pelas ruas, onde ele ontem passeou, como um César, um

triunfo medíocre, hoje desfila melancolicamente arrastado por possante caminhão e todo amarrado por cordas. É triste o grande montão de carne derreada!

As crianças e os desocupados, na algazarra do espetáculo inédito e gratuito, fazem-lhe um acompanhamento bizarro.

E permanecem ao lado dos camaradas que, sensibilizados, despejam grandes pás de terra no colosso abatido.

Pouco tempo depois ninguém se recorda do sucedido. O elefante adormeceu sem fantasmas, sem azares, sem fotografias, sem vinganças póstumas. Nem um calombo marcou na terra fresca o seu último aconchego.

A grama reverdeceu ligeira e cobriu de paz o seu sono.

Tudo ao seu derredor ficou mais fértil, consumindo as proteínas banhudas.

Hoje, três anos depois, li a carta de uma Escola Universitária de Belo Horizonte, solicitando a carcaça do elefante para estudos.

Receberam resposta afirmativa da municipalidade, com a condição de que mandem buscar os ossos solicitados.

E lá se irá o nosso elefante, que, a bem dizer, não era mesmo nosso...

Depois vocês dizem que há exagero quando afirmam que as cousas aqui são diferentes...

Vocês também tiveram folias de carnaval, viram pierrôs tristes ou palhaços circunspectos, ou bailarinas desgraçadas – esses paradoxos que já estão gastos nas memórias de carnaval. Talvez o que tenham visto de novo tenha sido um espírito persistente e ingênuo, que se renova cada vez, estando mais sofrido e atribulado. Mas, aqui, houve aspectos que envolveram de incandescente beleza a monotonia das fantasias e a gritaria estridente de todos os anos.

Eu vi uma linda moça que cantava! Os olhos brilhavam de animação. Era uma grega, tendo, na cabeça, uma coroa de louros. Bem que a merecia. É parálitica e, amparada em braços piedosos, cantava docemente. Depois carregaram-na pelo salão, e ela sorria, feliz. Feliz? Que tristeza era a que pude captar, por detrás daquela máscara? Ela exibia o seu troféu de louros com a coragem de esquecer sua limitação física. Mas tentava beber uma taça estonteante de alegria falsa, amarga! Pensa que poderá beber desse elixir sem consequências? Não, ela saberá, depois, que naquela taça cabem as amarguras de todas as saudades, e sua invalidez, em casa, nunca será tão dolorida como naquele instante. Milhões de pernas sadias pisarão, inclementes, o seu sono...

O beduíno desceu as escadas do clube e parou junto a uma lojinha improvisada, onde vendiam bugigangas de carnaval. E engrolou, na insensata voz do álcool:

- Quanto custam estas bolas?

Apanhou um punhado delas e as mordeu, ávido, sentindo o gosto estranho de destruí-las. Plof!... Plof!... Plof!.. Uma se espatifou junto a um saco de confetes.

- Quanto custa o estrago?

Joga pelos ares o papel picado e sai apaziguado.

- Quanto custa esta alegria, seu moço? Essas ilusões coloridas que você espatifa nos dentes?... De que lhe valeram os gritos e os pulos que deu e essa tonteira malcriada, velha conhecida, que vem lá do fundo, inquieta e vaga, e rebenta, às vezes, mesmo dentro de um baile de carnaval.

Os gritos pareciam clamores. Havia um tom inequívoco de melancolia escondido no seu bojo. Nem a embriaguez o mascarou. Você se esqueceu, beduíno, de que não tem mais infância e só podia mesmo destruir essas bolas que eram iguais às que você não teve quando possuía a ingenuidade e o deslumbramento necessários...

Agora, com os olhos fundos, destruindo a alegria de outras infâncias, obedecendo aos ímpetus rudes do líquido diabólico, você não pode nada remediar...

Vi, também, um velho tentando espantar o espectro dos pesados anos que viveu. Vestia-se, candidamente, de caçador de borboletas. Vejo, por cima das cabeças que ondulam pelo salão, o saco de filó tão grotesco, frustrado!

Ali não entrarão borboletas, nem sonhos, nem nada mais; talvez poeira somente... Você não é mágico, caçador! Tudo que você tinha para apanhar na sua armadilha ingênua já foi desfrutado.

Sente-se aí mesmo, nesse canto, passeando o olhar medroso por dentro de você. A música o iludiu por um momento. Brincou, riu de você! Agora ela entra bem no âmago de sua angústia; olhe como é matreira! Era um acorde tão inofensivo e o

feriu tão fundo, não foi? Ela parou, depois veio de novo, selvagem e perigosa, cobrando pesadas contas... a orquestra estremece até o fundo das gargantas exaustas e impele os corpos a obedecerem à cadência uniforme do compasso. Gritam, pulam, gesticulam. Súbito, a música para como se tivesse levado um susto. Que houve? Foi aquela mesa ali:

Puseram o palhaço em frente a um bolo e acenderam uma vela bem grande. Os corpos suados mudaram a cadência e cantaram, obedientes, o “parabéns a você”. O palhaço soprou a sua chama e despejou uma lágrima intrometida na sua caricatura.

Certa vez, quando uma doença me prendeu na cama, delíciei-me, nesse repouso obrigatório, com a “Barca de Gleire”, cartas de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel, que conversaram, em missivas originais e líricas, durante quarenta nos.

Uma delas assim começa: “Conversemos enquanto chove...”

Adorei esse início, que me sugeria a calma de um aposento, o lápis correndo manso, e a chuva caindo! Hoje, dele me lembro de novo, sentando-me na sala sossegada, enquanto, lá fora, a chuva cai.

Lembrou-me ele muitos de meus amigos para lhes enviar um cumprimento afetuoso, mas a nenhum me dirijo particularmente.

Sinto que vou atingir esse amigo de mil nomes, de mil ouvidos, que se chama leitor. Esse amigo acarinhado, respeitado, de olhar movediço e crítico, que me atrevo a solicitar, hoje, para esta conversa ao ritmo da chuva.

Ritmo que é quase uma convocação, na insistência cadenciada e morna, e que sugere o molejo do colchão e o livro recém iniciado que deixei à cabeceira. Aceito o seu convite para escrever, o que é quase a mesma coisa, jogo de palavras de igual fascínio e magia.

Uma trêmula pocinha de água reflete o chumbo do céu, e eu penso que, se o mundo cabe dentro de gotas de água, não será tão complicado quanto nos parece, às vezes.

Os verdes estão contentes, no banho festivo, e a umidade que invade o chão é também uma promessa de vida, de frutificação.

De longe me chegam as vozes das crianças, disputando, entre reclamações, o jogo de víspera que lhes arrumei para aguentarem a reclusão. E eles me enviam, na voz da chuva, o ruído de seu protesto, todas as vezes que não lhes saem os números desejados.

O cheiro do café, que está sendo coado, traz-me, nas ondas do seu perfume, ternuras doces de lembrar. Lembra infância, cozinhas grandes e enfumaçadas, onde se expandiam nossos pensamentos de crianças; o foguinho de lenha, dançando nas labaredas vermelhas, alegrando de cores as faces dos serviçais... Lembra visitas, que nos traziam o presente de sua voz, vozes que ficaram longe, nas distâncias, em desconhecidos endereços...

Amigos de um dia ou de muitos anos, que se foram do mesmo modo. Lembra nossos aprendizados culinários. Lembra os despertares todos das manhãs da vida, fazendo quase parte da mesma...

Daqui a pouco, tomando-o, sentindo-lhe o gosto bom, eu me deixarei levar aonde quiser o pensamento sem rumo, estranho motor a puxar um lápis indeciso, porque chove e porque o ruído é manso e propício para dizer coisas...

E buscarei fantasmas, penetrando, como garota medrosa, uma galeria de retratos dos que passaram pela vida e, com seus gestos marcantes ou palavras ásperas ou presenças queridas, ali ficaram dependurados...

Ou buscarei mesmo os meus próprios retratos, poucos, que me restaram amarelecidos e distantes e que surgem, muitas vezes, em dias como o de hoje. Olharei, por exemplo, para aquela menina assustada no dia de sua Primeira Comunhão.

Era uma tarde assim, molhada e sombria. Vieram uns padres de vozes estrondosas, de cuja garganta rugidora

espoucavam ameaças, as mais sombrias, capazes de amedrontar barbados.

Então, eu não quis saber de nada daquilo. Depois de muita palavra doce de persuasão, em casa, resolvi ir à igreja.

Os homens se aprontavam para a expiação. Levaram-me ao nosso Vigário, um velhinho bom, simples, ingênuo, filósofo a seu modo, que embarafustou comigo para detrás do altar mor. Ali, empoleiravam-se imagens várias, e as aranhas trançavam, à vontade, os seus fios débeis pelas cabeleiras revoltas dos santos.

À luz fraca de uma lâmpada, aquele ambiente deveria mesmo gravar-se em mente amedrontada, qual a minha! Não me lembro o que me perguntou, muito menos o que lhe respondi, mas alguma instrução da grandeza do que se iria realizar ficou-me entre lembranças daquelas sombras.

Naquele retrato vejo ainda a camisola feita às pressas, onde cintilam ingênuas missanguinhas aninhadas em flores espalhadas com carinho. E o olhar assustado de meus sete anos, deslumbrado do mistério...

A vela branca, o livro e o terço descansam molemente na mão. Os pés, em sapatinhos brancos, pisam um tapete usado nas grandes ocasiões, pedido emprestado na casa de meu avô... Um vaso com folhagens e o tempo e a saudade...

Recordando, penso que Deus, realmente, supre todas as faltas. Pois a correria desse ato solene não me roubou o sentimento de grandeza e de mistério e a realidade que a Presença irradia e que sempre me levou, quantas vezes me tem sido possível, a alimentar-me do Pão da Vida.

Hoje preparamos as crianças com todo o cuidado; as aulas de catecismo, em casa ou na paróquia, instruem e ensinam. Terão talvez uma festa mais esplendorosa, um Encontro mais festivo e esperado, um coração mais puro; mas ousa dizer que gostei que esse Encontro se desse assim comigo, tão meu, tão marcante.

Gostei que essa visita me apanhasse desprevenida. Talvez tenha sido esse o melhor caminho para mim...

Já se impõem aos nossos ouvidos tímidos vozes de pássaros, à procura de abrigo.

A chuva está indo embora com a tarde.

E eu não pensava que ela me traria esta menina que, com ela, vai embora e se esconderá, talvez, na brisa vaga que agita molhadas folhas de papel na rua...

Eles entraram com o cachorrinho no colo. Olhei-o.

Vira lata. Mas eles disseram: - “É de raça”.

- Que raça? - perguntei. Raça coisa nenhuma! Vira lata puro, isso sim!

Eles se ofenderam pelo cachorro. Tiveram para ele assim como um afago suplementar, como se lhe dissessem:

- Não ligue; a mamãe não conhece!

E olhavam ternamente o bichinho, que se arrepiava manhoso, sonolento, no colo desajeitado.

- Bem, com raça ou sem ela, não tem a mínima importância, porque, com certeza, isso não vai ficar aqui...

Estavam sem coragem de prosseguir, antevendo a cena que viria...

Mas ousaram:

- Podemos ficar com ele?

- Mas já não sabem que não? Esqueceram-se do último? Do trabalhão que nos deu? Choraminação a noite toda...

Nem me deixaram terminar, a mim, que ia tão bem no meu discurso...

- Mas este não chora, mamãe...

- Ora já se viu? Será que acham que vou nessa?

Tentei acalmar-me, falar macio, convincentemente:

- Vocês sabem que seu pai precisa dormir bem – quando pode – não é? E depois, se os clientes o vêm procurar à noite, não podemos ter um cachorro para espantá-los!

- E se vier um ladrão? Ele pode pegar...

- Não e não! E não come também essa novidade de hoje?

- Come, mas pouquinho...

- A quantidade não importa. A questão é quem se encarregará de lhe levar comida, todos os dias, várias vezes ao

dia. Vocês enjoarão logo disso, eu sei, e as empregadas, já sobrecarregadas de serviço, é que têm de ficar com mais esse. E as roupas que carregam e estragam, a sujeira que fazem?

- Nós prometemos cuidar direitinho dele. Luís, olhe, vá na geladeira buscar carne para ele.

- Não senhores! Na geladeira há um peso de filé para o almoço.

- Só um pedacinho, mamãe. Olhe ele é bonitinho!

- Não me comovem, não. Vamos já devolver esse presente!

- Mas ninguém quer...

E vão, amuados, para o fundo do quintal, com mais quatro ou cinco amiguinhos, tão apreensivos quanto eles com o desfecho do caso. Fico espiando-os de longe. Embalam-no, acariciam-no, conversam, meigos, com o animalzinho. Dão-lhe pão e leite e arranjam, com a cozinheira, umas muxibinhas de filé. Pegam cobertas para a caminha improvisada e deitam-no qual um bebezinho. Depois confabulam e saem.

Eu estava realmente disposta a não capitular. De outra vez, foram esses mesmos os argumentos e acabamos ficando com uma cachorrinha preta, para a qual não ligavam mais, dando-lhe, muito raramente, uma atençãozinha fortuita.

Eu sempre prefiro não ter que lhes causar mágoas - a vida já as tem tantas! – mas não via outra solução. Deveria haver um capítulo, numa Psicologia Infantil: - “Como se livrar de cachorrinho ou outros bichos impertinentes”, sem magoar as crianças. Pode ser que haja algo mais ou menos assim; eu tenho que procurar! Mas não dava tempo, eles já vinham de volta.

Bem, desta vez, argumentos não iam adiantar. Eu já tinha feito o meu aprendizado com a outra. A gente está sempre aprendendo.

Educação – é uma coisa tão complicada! Se não fosse a graça de Deus, que ajuda e intervém, não sei que conta daríamos dessa tarefa difícil.

- Mamãe, a senhora deixa a gente criar e depois, quando ele já for grande, a gente solta por aí; então ele já sabe viver...

Eles aprenderão a viver, os meus filhos? A gente toma consciência do dever austero e áspero: “eu os estou formando para a vida” ...

E a vida é tudo isso aí... quase nada: as mamadeiras, afagos, sorrisos, preocupações, sustos, retribuições gratas, deveres e lições, roupas, barras de vestidos que descem, calças compridas e pronto!

Ei-los: senhores e senhoritas! E então – “solte-os por aí... já aprenderam a viver!... Poderei dar-lhes um diploma? Podem sair, filhinhos queridos; já aprenderam a viver”!...

Subitamente, percebo que vou ficando deprimida e reajo:

- Muito engraçado; vocês tomam amizade a ele e ninguém terá coragem de deixá-lo ir embora... Tem de ser hoje. Vão já entregar o bicho!

Percebi que não gostaram do termo e saíram com uma raiva concentrada em mim. Paciência! Logo o esqueceriam. Daí a pouco, voltaram sem o cachorrinho e disseram, aborrecidos:

- A mãe de ninguém quer deixar!...

À noite, percebi a conversa deles no quarto:

- Será que é frio lá na caverna?

- E se for uma onça lá e comer ele?

- Que onça, lá não é floresta!

- Mas cobra, cobra deve ter...

- Nem cobra. Amanhã bem cedo, vamos levar leite para ele.

Perguntei, intrigada:

- Que fizeram com o cachorrinho?

- Olhe, mamãe, nem a moça que deu quis ele de volta; então nós pusemos lá na caverna, no campo. É um buraco numa pedra, lá no fim da rua, onde brincamos de esconder.

E um deles fez uma cara bem triste, e a voz caprichosa, intencionada:

- Amanhã a senhora deixa ele vir para cá?

- Não, amanhã vocês tornem a oferecê-lo. Alguém há de querer!

Eu estava sentindo um ligeiro mal-estar, quando me deitei, mas devia ser coincidência. O bichinho não ia ficar...

No outro dia, não o encontraram mais. Disseram que poderia ter caído no rio, perto, e voltaram com um olhar muito acusador para o meu lado. Lá no fundo, como será fácil calcular, eu estava meio abalada com a insistência deles... e ainda mais com esse trágico fim do cachorrinho. Mas não devia ter sido isso, não.

- Caiu no rio, nada! Alguém o achou e levou! Foi até bom, porque hoje vocês não terão de procurar quem o queira.

Eles estavam com vontade de arranjar um fim melhor e aceitaram de bom grado o meu palpite.

De tarde, não falavam mais dele... E devia ter sido esse mesmo o destino do cachorrinho...

Ontem, meu filho mais velho chegou pedindo uma “muda de costela de Adão”.

E, meio sem jeito, com aqueles rodeios que a gente já advinha que vem coisa atrás:

- É para uma moça que tem um cachorrinho para dar. Esse a senhora deixa, não é? É de raça, igualzinho à Lassie, aquela da revista, aquela que salva gente todo o dia. Pode salvar até a senhora...

Outro dia...

- E então?

- Vocês vão pensar que vai começar tudo de novo. Não é não; os argumentos não me abalam, etc... etc...

- E então?

Então vamos criar mais um cachorrinho... trocado por uma “costela de Adão!...”

- Tá pesada, mãe!

- Mais um pouquinho só e chegaremos em casa, nego!

Só mais um pouquinho!

E subiam os dois, vagarosos, a ladeira íngreme, carregando às costas as trouxas de roupa suja. Na volta, porque desciam ou a roupa limpa, passada e dobrada parecesse mais leve, o menino ia alegre, parolando:

- Mãe, quanto falta pro Natal?

- Só mais dois meses, filho.

- Será que neste ano eu vou conseguir o velocípede?

- Acho que ainda não dá, não, Lúcio.

E a mulata enviesava para o filho um olhar desolado e terno. Por mais que fizesse contas e economias, não conseguiria nunca o dinheiro suficiente.

Tudo começara, havia dois anos, quando o filho de D. Sara, a patroa, ganhara o seu. O menino da lavadeira se abismou naquela beleza de rodas. Toda semana, ao buscar e entregar a roupa, namorava o ciclista, que se esmerava em correrias e exhibições. Um dia, criou muita coragem e pediu:

- Deixa eu dar uma voltinha?

O menino olhou-o, com certa altivez, e respondeu:

- Quando ficar velho, eu deixo.

Então Lúcio começou a sonhar com um carro daqueles. Cada vez que recebia, por qualquer serviço, uma gorjetinha, lá ia ligeiro em busca do cofrezinho de barro. Quantas renúncias, migalhas minúsculas de heroicos desejos insatisfeitos, estavam encerradas ali! Uma bala, um sorvete, uma fruta, mas a vontade de ter um velocípede era maior que todas. Balançava o cofre junto ao ouvido e as moedinhas tiniam numa cantiga suave e melodiosa para ele:

- Escuta, mãe, o barulho! E já tá ficando pesado!

Agora estava engraxando sapatos. E a renda aumentava. Mas ainda faltava muito, dissera a mãe. Por que não custava mais barato? Dinheiro de criança demora a juntar! E ele queria o brinquedo no Natal. Sabia que Papai Noel não viria a sua casa, pois nunca tinha vindo, (Ele não sobe ladeira de favela, não é, mãe?) mas, se pudesse comprar naquele dia a ilusão de um presente levado por ele, seria tão mais doce! Até imaginava a cara de espanto das outras crianças, invejosas e curiosas:

- Será que Papai Noel veio aqui?

E correriam, ansiosas, a buscar em seus casebres um brinquedo também. Voltariam desapontadas:

- Por que será que o Lúcio ganhou?

Ele ficaria importante, o escolhido de Papai Noel. E seria bonzinho, deixaria todas as crianças andarem; ia ficar velho logo, logo no primeiro dia...

O caminhão de melancias foi embora e lá ficaram, ensanguentando o chão, as estragadas. Lúcio vinha carregando a sua caixinha de engraxate. Sábado bom! Engraxara cinco pares de sapatos. Ótimo, pois a concorrência era grande. O calor estava horrível, mas valera a pena. Viu o resto das melancias. Escolheu entre os bagaços machucados os que lhe pareceram melhores. Estavam doces, frescos, às vezes amargavam um pouquinho, mas a sede era tanta! Aquela polpa molhada lhe refrescava a garganta, lhe satisfazia o estômago faminto, firmando a euforia inocente que o possuía.

Ao chegar em casa, põe o dinheiro no cofre, contente!

- Já pesa bem, mãe. Até o Natal é capaz de dar.

Não quer o jantar, guardado com carinho, no canto da trempe. Há tempo namorava uma talhada de melancia. E dorme um sono pesado, entremeado de sobressaltos e de paz. Acorda

indisposto, vomitando. Passam-se oito dias e o menino sempre se queixando: dor de cabeça, dor de barriga; não quer comer, ele, que habitualmente é tão guloso. Depois vem uma febre intensa. Arde a cabecinha e ele balbucia, na inconsciência, restos de seus últimos pensamentos, retalhos de seus sonhos inocentes.

- Natal... veloci... vinte cruzeiros...

A pobre mãe, só, vela o filho querido e espera o pior. Ela se acostumara a esperar sempre pelo pior. Mas agora temia seus próprios pensamentos, sombrios, amargos. Não, não podia pensar. A sua humilde, única e enorme alegria, a que lhe sobrava depois de tantos sofrimentos, era o filho: vê-lo crescer, pensar, falar, comer, sorrir!

Consegue um médico para ver a criança e ouve, aturdida:

- Tifo.

- Ah! meu filho, não me deixe sozinha. Em dia destes ele me disse que ia ser o escolhido de Papai Noel. Pressentimento! Não, meu Deus, não me leve o menino. Não, meu filho, fique comigo, tenha pena de mim. Eu compro o velocípede para você. Sare, meu bem; eu o compro. Eu juro até. Eu vou trabalhar noite e dia; ralo as mãos no serviço, mas dou o brinquedo que você quer...

Sofrem cinco dias. Ele, no seu delírio de febre; ela, no seu desvario de dor. Depois, depois ele descansa.

As vizinhas fazem tudo, solícitas. Vestem e arrumam o pequeno. Num canto está a caixinha de engraxate e na mesinha o cofre, tão imóveis e desamparados quanto a mãe. Dentro dela só o pensamento se movimenta: pelo vão da janela vê uma nuvem preguiçosa que enfeita o céu.

- Mãe, nuvem é algodão?

- Não sei, meu filho.

- É fumaça?

Não sabia. Somente sabia, desde que o marido a abandonara, com o filho pequenino, na fabulosa e triste São Paulo, que ele tinha fome e que era preciso alimentá-lo.

- Mãe, o dinheiro dá?

Uma voz de longe, esquisita, diz baixinho:

- A senhora tem algum dinheiro para o enterro?

Súbito ela se levanta, assustada e trêmula, enche os olhos com o menino morto e apanha o cofre, vermelho e bojudo, silencioso e triste. Bate com ele uma, duas, três, dez vezes na parede; seu único gesto de revolta.

Os cacos, como de um coração que se partisse, esparramam-se pelo chão. As notinhas amassadas caem, como lágrimas grandes e quentes, e as moedinhas rolam, trêmulas e indecisas, e algumas vão parar até debaixo do banco, onde repousa, tranquila, a criança...

Lembro-me da tarde irreal daquela cidade radiosa, onde descí, atordoada, ao peso das emoções das despedidas, e onde o seu abraço me colheu numa certeza de felicidade.

Seriam reais as escadarias de um sanguíneo e aveludado vermelho, onde pisaram meus passos medrosos? E as paredes têm a leveza de um sonho, na minha lembrança, e nela se balançam flores multicoloridas...

O teto parecia amplo céu, aquele céu que se expandia dentro de mim e se confundia na amplidão sem fim do meu deslumbramento?

A luz, coada de uma cortina cerrada, era um longo arco íris de estrelas. Estrelas que se podiam divisar no fundo de seus olhos – nunca tão verdes – onde poderia mergulhar uma longa e reprimida saudade...

Até o barulho da água, jorrando da torneira, tinha um som de sinfonia, um turbilhão de melodias que arrebatavam marulhando...

O ruído, longe, da rua, com todos os seus barulhos de buzinas, movimento e vida, acompanhava o ritmo emocional do momento.

Você ligou o rádio e aquela música, porque era mesmo a própria revelação do som preparado, composto, me pareceu um complemento ilógico para aquela quase semi-realidade. O silêncio daquele quarto fora profanado pelo som, e eu lhe pedi que o desligasse.

Aquela música seria quase uma presença; e uma presença sugere ausência, consequente; e “ausência” e “distância” eram palavras que já me haviam ferido demais...

Nem sequer falávamos. Tínhamos tanto o que dizer, que nem sabíamos por onde recomençar aquele diálogo interrompido.

E a nossa saudade se dissolvia, aos poucos, no mistério daquele quarto.

Havia ondas de estrelas nas réstias de luz que teimavam em enfeitar aquele sonho. Milhões de brindes havia por ali, nas luzes, no resto da tarde que escorria lento, nas formas perfeitas dos móveis, no macio tapete...

Enfrentáramos – e era a nossa batalha – aquela distância enorme, e o nosso amor fora despejado em cartas, gota a gota.

Falei-lhe da madrugada gelada em que, um a um beije os meus filhos adormecidos. Ainda trazia, fresco, para ofertar-lhe, o gosto daqueles beijos.

Não posso dizer quanto tempo permanecemos quietos, deslumbrados, diante do que sentíamos tão grande – o nosso amor.

Sentíamos pequenos, desamparados, vivendo o nosso minuto esperado, com medo de perdê-lo.

Via nos seus olhos um pouco do futuro e do passado, porque o presente era grande demais para se conter dentro deles...

Eu reconstruía aquela tarde, em todas as suas minúcias de irreabilidade, porque a magia dela seria capaz de comunicar-se à rotina de todas as outras tardes que vivêssemos. Seria aquietar-se num canto e pensar num abajur lilás que parecia feito para completar o último detalhe de um sonho.

Você havia espalhado pela cama as suas compras, as coisas que fora adquirindo, pensando na alegria das crianças e nas nossas preferências. O casquinho de gola de pele, vermelho, tinha muito do seu carinho envolto em sua malha macia. Havia os brinquedos, escolhidos ao gosto de cada um deles. Os “cowboys” para os meninos; e adivinhávamos a sua faceirice dentro dessas roupas. Os enfeites para as meninas, pijamas, sandálias, blusas, oh! Tudo tão terno!

Como me emocionava vê-lo mostrar as suas compras, os seus presentes! Era como se fosse o seu próprio coração que você repartisse em pedacinhos miraculosos e os distribuísse, num milagre de amor, transformando-os nos seus desejos. Os seus gestos eram tão puros e ricos, tão perfeitos e tocantes!...

Se a vida deixasse de repente de nos trazer momentos alegres, eu ainda teria todas estas lembranças, para enriquecê-la, e muitas, e muitas outras. Mas, pensando naquela tarde, sinto ainda a cabeça entontecida pelo sonho grande que vivi e abençoo, de todo o coração, a ternura daquele instante...

Dizem que minha bisavó foi a moça mais bonita da redondeza, no seu tempo. Estou olhando, agora, o seu retrato, a óleo, suspenso na parede de nossa sala. O seu último retrato onde os cabelos brancos esvoaçam num mistério de sombras, e a antiga beleza deixou um vestígio de sua passagem.

Os olhos mansos, e o olhar perdido numa tristeza sem tempo... Nariz pontudo, traços firmes.

Converso com ela:

- Vovó, que te foste há tanto tempo, onde deixaste aquela voz tão leve com que nos aquietavas os problemas primeiros e com a qual nos contavas as tuas histórias? Onde está aquela bondade com que ouvias os nossos casos de amor, e a misericórdia e candura e compreensão com que enxugavas as nossas frágeis lágrimas de adolescentes?

Onde está aquele riso manso e repousante com que recebias nossas visitas? Levávamos-te uma rosa – teu predileto presente. E a punhas, caprichosa, num copo d'água, à cabeceira de tua cama. E nos agradecias o presente como se tivéssemos levado um tesouro!

Hoje, doce vovó, as rosas que te levamos emurhecem tão depressa na frieza de uma pedra!

- Doce vovó, olhando-te, agora, eu te quero fazer um pedido: ensina-nos o segredo de te fazeres tão querida de todos, o segredo dessa bondade que foi tão grande, que ainda perdura nas sombras de teu olhar perdido. O segredo de teres deixado tanta mágoa por tua ausência!

Eu me lembro: dizias que eras tão pobre, tão pobre, que não terias nada para nos deixar como lembrança tua. Sabes? Eu fiquei com a última liga que usaste; outras netas guardam como

reliquia a tua tesourinha, o teu terço, os teus chinelos gastos. E isso é um tesouro que lembra a tua riqueza, vovó!

Tudo que a vida te pediu e que deste tão generosamente foi esse teu exemplo de coragem, com que enriqueceste tua família toda...

Viúva, criaste, com fragilidade de tuas mãos e de teu trabalho, os teus filhos. E sabes que os criaste bem, admiráveis criaturas, que têm um reflexo de tua grandeza de alma.

- Ensina-nos, vovó, a criar filhos assim! Os tempos hoje estão tão difíceis para nós, que temos de ensinar aos nossos filhos regras e atitudes que o mundo não aprova. Dizem eles que o mundo é dos espertos; coisas assim, que envergonhariam tua austeridade e retidão. E temos que nos ajeitar nesta corda bamba, entre a razão e os princípios e os argumentos que as crianças já aprenderam a emitir.

Como foi que se fizeram tão fortes as tuas mãos tão frágeis, que eu lembro bordando labirintos de crivos numa paciência carinhosa e construtiva? Aquelas mãos tão crespas com as quais nos abençoavas tão docemente e que se cruzaram, um dia, num gesto tão irremediável...

Hoje, os nossos colos estão vazios. Não temos tempo para os crivos e bordados; não temos tempo para pensar muito; aquela agulha paciente que ia e vinha e cujo passeio nos acalmava tanto, não tem cotação com a mocidade; ela quase a desconhece...

Estamos tão sobrecarregadas! As ideias que devemos valorizar nos desorientam e temos medo dos fracassos!

Tantos são os problemas que a vida nos vai trazendo, tão pesado será o nosso encargo de educar *gente*, que seria tão bom se estivesses ainda aqui, com aquela sabedoria toda com que ias até dentro de nossas almas feridas, para as curar e fortalecer...

Como tua descendente, eu te posso pedir uma herança, não é? Eu quero, eu preciso: dá-me um pouco dessa tua coragem!...

Eu mesma lhe abro a porta. Ali está o vendedor, com a convencional pasta sob o braço e um preparado de saudação

- “Madame, quer dar uma olhadinha numas coleções de livros?”

Implico solenemente com esse “madame”, mas penso, complacente, que fará parte do ofício. Desta vez, eu não ia comprar nada, garanto! As verbas não estavam muito equilibradas, depois da dispendiosa viagem que fizemos. Fosse o que fosse – era o meu propósito – só compraria coisas necessárias.

Geralmente despacho muito bem os vendedores ambulantes, que vêm tentar-nos com joias, bordados, pinturas, perfumes, tapetes, miudezas...

Acho que tenho até jeito para isso, pois eles saem com as mesmas fisionomias risonhas com que vieram.

Mas, com vendedores de livros, tudo muda de figura. A visita é bem mais demorada, e eles percebem a tentação, creio, transbordando dos olhos da gente. E insistem; é claro que insistem!...

E depois, vêm com prestações, facilidades, planos de bonificações, etc., etc. E a tal história do “sem compromisso”. Esta, então, a mais traiçoeira e maliciosa que conheço.

Sentamo-nos, o vendedor e eu.

- Madame tem belas coleções!

Ocorre-me: devo ser-lhes grata pelas coleções que tenho, pelas insistências que praticam. A gente sempre acha que estão caros, mas eles insistem...

É como o caso da felicidade, exatamente! Só depois que ela passa é que se percebe como era grande...

- E custaram bem barato, respondo.

- Bem, relativamente!

Claro, claro! Com essa inflação já não se sabe o que é caro ou barato. Compra-se hoje, achando que custou um dinheirão, um absurdo; depois de certo tempo está valendo o dobro!

E vêm explicações, que eu já sei; mas as ouço, indulgentemente.

- A alta do papel foi enorme! Daqui a dois ou três meses a senhora irá pagar muito mais.

Mas eu não vou comprar! Esse argumento não me vence.

O que me vence, mesmo, são as letras, o que eu adivinho que está ali dentro. Biografias célebres. Parece que vou viver uma porção de vidas... Aqueles sinaizinhos pretos maculando tão bem a página branca e lisa. E o cheiro! Ah! Que perfume bom o de um livro novo! E a delícia de receber do correio o pacote, e abri-lo. Rasgar, com sofreguidão, os invólucros protetores e ver surgir a beleza de uns livros fresquinhos, perfumados, brilhantes, estalando de novos!

Às vezes, a gente compra, lê e não gosta; mas sempre resta o consolo de que enfeitarão as estantes e de que gosto não se discute. Outros podem gostar...

Bem, parece que eu estava pensando e o homem, gentil, paciente, esperava pela minha resposta.

- Então, madame fica com essa coleção?

Acho que ele teve paciência, pensando que eu fazia cálculos mentais. Mas agora é que me lembrei deles; é verdade, seriam quase cem mil cruzeiros...

- Mas eu não podia, presentemente...

Assustou-me com o condicional. Vou, então, buscar um cafezinho para ganhar tempo e dizer não – com jeito. Eles sempre elogiam o café, esteja bom ou não. Interessante como a gente aprende as suas reações, suas artimanhas. Durante o cafezinho perguntam sobre a família. Não lhes interessa, não; é para criar

um clima mais favorável... Perguntam quantos filhos temos, etc. Eles, se não têm filhos, têm coleções para todas as idades. Desde histórias de fadas.

Vou catalogando as conversas, as mesmas de sempre, e penso que ele fará o mesmo. E leva muita vantagem, pois tem maior prática, visitando gente diversa todos os dias. Depois, reconheço, quem leva vantagem sou eu, que escolho, calmamente, em minha sala, o que quero comprar. E compro se quiser; “Desta vez, não convém” – recomendo ao meu entusiasmo.

Há, em cima do piano, o retrato de minha filha mais velha.

Ele acha que é bonita e ela sorri, agradecida e educada, do fundo da moldura clara, tão propositadamente jovial. Na parede, o retrato pintado a óleo de minha bisavó. Uma obra prima. Eu também acho, mas ele o nota com muita veemência. As duas preparam lindamente o terreno para a semente que o vendedor lançou, e eu a rego com os meus olhos ávidos...

O café acabou e vamos ver o preço das brochuras e encadernações. Acho que vou comprar... Vivam as prestações, pois nos dão a ilusão de que não vai ser tão caro! Mas, e à vista? A diferença é bem grande. Vamos pagar tudo de uma vez. Ficar pagando ... pagando...

Passo a mão pela lombada cintilante do livro. Parece uma carícia – percebo encabulada. Depois, começo a pensar como eles me têm enfeitado a vida! São meus amigos! Não me pedem nada, a não ser que os compre e lhes dedique o meu tempo vago. E dão-me tanto, em encantamentos e riquezas... Contam-me tanta coisa, levam-me a distantes e desconhecidos caminhos, mostram-me espíritos nobres e espíritos fracassados, valentes e oprimidos, corajosos e fracos, sem segredos, ensinando-me a julgar com discernimento, na relação onipresente entre o bem e o mal. Conta-me, mansamente, romances de amor, de heroísmos e fé!

Enchem-me de poesia, de doçura, de entusiasmo.
Descobrem-me o mundo através de outras perspectivas, fazendo-me sair do acanhamento modesto de meu espírito.

São mestres que tenho, sempre à disposição, para um ensinamento. Tudo o que eu quiser saber eles me dirão, no silêncio de uma sala, sob uma luz amena, num sussurro cordial. E, se não aprendo da primeira vez, repetem, sem murmurações, as mesmas palavras pacientes. Não há tédios, nem preocupações, nem mágoas, que eles não afugentem...

Cada vez que os deixo, envolve-me uma sensação de enriquecimento, de plenitude, de satisfação. Fazem-me, realmente, viver melhor!

Quando apanho o bloquinho de cheques, resoluta, vejo que o vendedor tem um sorriso calmo, confiante e vitorioso:

- Madame, quer em verde ou vermelho?

SONHO E GOIABADA... (trecho de memórias)

Recebo a encomenda: trinta quilos de doce. E, enquanto empilho os tijolos no armário, insinuam-se em minha lembrança cenas familiares e queridas: minha mãe, o rosto afogueado pelo calor, a mexer tachadas de goiaba vermelha, que pulava, sem modos, esparramando bolhas sanguíneas por todos os lados.

Era para nós um dia de festa, dia em que mamãe não tinha tempo de pensar em deveres e bordados; e nossa algazarra como que era um complemento necessário à fabricação do doce.

Mamãe, atazanada, esbaforida com os esforços, nos espantava, dando-nos pequenas tarefas “afastativas”, mas não nos arredávamos do tacho borbulhante, e, admirados, acompanhávamos o cozimento demorado.

O fogo dançava, com o entusiasmo que lhe prodigalizavam as tábuas de caixotes e os bambus, sequinhos, estalavam de surpresa...

Lembro-me de quando meu pai chegava com a notícia, alvissareira para nós, e repetida todos os anos, infalivelmente: “Comprei tantos cargueiros de goiaba”.

E lá vinha o roceiro, com a mercadoria exalando um cheiro enjoativo e despejava em grandes vasilhas as mais lindas frutas, amarelinhas e gorduchas, empanturradas de vitaminas. Não nos apeteciam, então, as frutas abundantes; era muito melhor pescá-las, trepados no muro, do quintal do avô...

As goiabas eram abertas no meio. As cascas iam para um tacho, depois de bem lavadas, e miolo para outro, pois dele se fazia geleia, da qual passaríamos uns dois ou três meses comendo na merenda escolar, lambuzando, com sua beleza lustrosa e rubra, o pão de cada dia... E espiávamos, divertidos, as pilhas de massas irem consumindo, vorazes, as pirâmides de açúcar branquinho que iam caindo, e se desfazendo, no abismo fervente.

Depois era a vez de encher todas as latas disponíveis, não escapando nem mesmo as latas vazias de bolachas, coloridas, onde guardávamos nossos aprendizados de “ponto atrás” e “caseado” ...

E ainda caixetas, onde sucumbiam quilos e quilos de doce. Depois os retalhos rubros e cintilantes ficavam expostos ao sol, para secar, e dali bem que tirávamos umas furtivas lambidas...

Mamãe deixava um pouco no prato fundo para satisfazer os apetites mais apressados, embora recomendasse, sempre, que quente fazia mal...

Meu irmão, certa vez, desprezando a recomendação, enfiou sem cerimônia o dedinho gordo, numa lata grande, e deixou-a toda enfeitada de buraquinhos redondos.

Mamãe aperreou-se e lhe disse, severa: “Agora, como castigo, você vai comer a lata toda.”

E ele, então, feliz: “Me dá a colher...”

O castigo, em vista de tamanha disposição, foi cancelado...

Que riqueza é a nossa memória! Ela nos permite ir reencontrar os caminhos vividos da infância; ir buscar, numa saudade doce, os momentos fugazes, inocentes ou ousados, de tudo o que fomos, ou sonhamos! Até o perfume de um tijolo de goiabada é condução suficiente para nos levar aos dias distantes, e vive-los na lembrança: festivos, claros e ternos.

Entro na casa grande, ensolarada. Vejo o pátio, com um mamoeiro espigado, alquebrado, longínquo. Uma rede, num canto, cantando num gemido de mágoa e sono.

Brigávamos para nela nos acomodar...

Um forno barrigudo, milagroso, de onde brotavam pilhas de biscoitos alvos, de bolachas douradas... A vassoura de raer espalhando-se na ramaria verde, amarrada com cipó, sempre pronta para a ação...

O parreiral imenso, triste e seco no inverno, tal como nós; pujante e dadivoso no verão... Um corregozinho, no fundo do quintal, onde fazíamos a proeza de pular, de um lado ao outro, desprezando a tosca pontezinha. A jabuticabeira, enfeitada de brinquinhos negros...

São esses perfumes lembrados, carregados de passado, essas lembranças queridas, que nos prendem com laços tênues, mas poderosos, à família. São pedaços da infância, perdidos, que vivemos juntos e que nos unem e irmanam realmente...

Onde virmos tijolos de goiabada, teremos, no coração, nossa mãe, ainda moça, a nos alimentar com ternura, avermelhando a nossa merenda um dia, adocicando, muito depois, a nossa saudade...

A moça tem trinta anos e está amando pela primeira vez! Pisa leve o chão, como se, de repente, se dissolvesse em espírito! Sorri. Muitas vezes. Não pode conter toda a alegria que nela habita em jatos luminosos e a gasta, em sorrisos.

Custou-lhe sonhar. A adolescência chegou-lhe atrasada ao coração, mas o encontra ainda submisso ao seu poder.

A moça tem trinta anos e é como se tivesse vinte ou pouco menos. Soube que está escolhendo, na costureira, modelos juvenis para as suas “toilettes”.

Pois o amor veio tarde, mas veio risonho. Para casar. Não há noiva mais exigente. Quer o altar enfeitado e que a Igreja use seus melhores tapetes e alfaias. Quer os melhores cantores.

O amor veio tarde e veio cheio de exigências. Soube também – a gente fica sabendo tanta coisa! – que alguns fios brancos teimam em lhe aparecer na cabeleira, apesar da menor idade que aparenta agora. Mandou-os tirar, não sei se com tintura, ou tortura. Vi-a passar e me senti feliz com sua felicidade; palavra!

Tenho pena dessas solteironas involuntárias: elas sonham. Quase todas. E a vida vai transcorrendo, impiedosa, sem lhes propiciar o ambicionado marido.

Vão ficando pelos salões de danças, sentadas, sentadinhas, até que ali não aparecem mais. Desaparecem dos “footings”, e viram tias definitivas. Geralmente se afeiçoam a gatos e cães ou sobrinhos, para expandir e repartir o carinho que se lhes acumulou no coração.

Embora o tenha dito, não garanto que a moça esteja amando pela primeira vez. Porque – que se sabe de amores recolhidos? De amores de traição? De amores frustrados?

Bordam inúteis enxovais, juntam sonhos – a vida toda. Elegem um tipo ideal para marido, e depois vão fazendo abatimentos. Descendo do pedestal o ídolo dos vinte anos. Depois de certa idade - não quero ser faladeira - mas penso que a única qualidade exigida mesmo é que seja solteiro.

Uma vez, numa aula de religião, o padre nos dizia que há três vocações: para o casamento, para a vida religiosa e para o celibato. Uma das presentes, traduzindo o pensamento das outras, manifestou sua surpresa:

- Sempre pensei que o celibato fosse uma alternativa!

O padre achou graça e, convicto do seu argumento, espichou explicações desnecessárias. Acreditamos nessa vocação; mas ela é, de fato, muito rara. A independência, na mulher, não exclui a ânsia de dar-se.

E, por mais êxito que tenha em suas funções profissionais, falta-lhe a doçura da vida que o casamento traz. Punge-lhe a solidão que o celibato impõe.

O instinto comunitário, na mulher, vai além das conversas sociais, das amizades convencionais, das visitas cordiais. É uma sociabilidade de estrutura, de formação, de tradição, que a faz buscar o seu amor partilhado. Há mulheres, no entanto, que, podendo ser mães ótimas, nunca seriam esposas: as obrigações primordiais do casamento encontram barreiras que ultrapassam a sua ânsia de afeto. Timidez excessiva, ou independência irrestrita; e tanta coisa mais. Por isso satisfazem-se com os filhos espirituais, oferecendo, muitas vezes, inesperados exemplos de doação, de heroísmo, de abnegação.

E minha crônica vai tomando um feitio do qual eu fujo – a análise. Um terreno perigoso de pisar. Gosto de ver as coisas, de sentir as coisas e fazer algumas considerações – apenas.

E achei muito romântico e me tocou, realmente, o caso dessa moça, que tem trinta anos, e está amando como uma mocinha de dezoito.

Símbolos da diligência familiar, ricos de significação afetiva – são os aventais. Uso-os poucas vezes, embora os tenha em tão alta conta. É que a boa sorte me tem poupado desse fantasma doméstico que é uma cozinha.

Lá vou para sobremesas melhores, quitutes para visitas ou festas de aniversário. Mas ocorre-me, hoje, que deverei usar mais vezes essa peça prática e de intensa poesia. Duas qualidades que muito raramente ocorrem juntas...

Vejo que já entrou numa canção: “tra-lá-lá... avental todo sujo de ovo” ...

Acho que rimava com novo; não sei bem...

É uma peça universal, encontrada nos casebres ou nos palácios, identificando aquelas que devem servir... e combina realmente com a nossa profissão de mães... Se a moça é grã-fina, lá tem os seus aventais bordados, com vistosas flores, ou de matéria plástica, bastante na moda. Fazem parte dos enxovais aventaizinhos coloridos, caprichados.

Se a mãe é mais prática e modesta e ativa, fá-los maiores, de xadrezes discretos ou de claras e resistentes fazendas, debruadas de cores...

Em casas luxuosas eles são relegados a copeiras eficientes. Sofisticados aventaizinhos de rendas e gomas...

Mas eu me refiro aos grandes, sólidos, cheios de farinha e de afeto; a esses tranquilos aventais de família, que protegem os vestidos de honestas e heroicas mães. Que são símbolos de dedicação, e são mais, muito mais, que simples retalhos de pano, pois relembram doçuras de infância... e enxugaram, quantas vezes, nossas ingênuas lágrimas de inquietação...

Que sugerem matronas gordas e limpas, de sorrisos sempre generosos nas bochechas vermelhas pelo calor do fogo...

Fisionomias delicadas, limpando, no colo, mãos cansadas, para receber uma visita, abrir uma mensagem... gestos de ternura e de carícia...

Que são como hábitos vestidos voluntariamente num gesto de consagração total, de despojamento, de doação, que estão por detrás dos cetins e das rendas dos vestidos de noiva, e já trazem cansaço em suas dobras, preocupações em seus bolsos. Que secam furtivas lágrimas, lúcidas e constantes...

Aventais de apagadas cores que a brisa da memória agita na minha mente, com seu tranquilo perfume de limpeza e de coragem, e que nos penetram, por indecisas frestas, dentro de uma saudade doce.

Que são, assim, lenços e toalhas, expressivos e ásperos e ricos trapos de pano, em colos humildes, que se gastam servindo...

Aventais que nos protegeram a infância, que quase fizeram parte dela mesma!

Os de nossa mãe, nos meses incontáveis em que permanecia na cozinha, a alimentar, a cuidar da escadinha travessa – as três meninas e o varão que demorou a chegar...

Os de nossas avós, picando couves verdinhas e brilhantes, com sombras de cansaço, de nostalgia, nos olhos gastos; fritando bolinhos de fubá e polvilho, aos quais jovialmente chamávamos sonhos, nas enormes cozinhas perfumadas...

Nossas tias solícitas, oferecendo-nos rosquinhas ou bolão de fubá de milho, quentinhos e saborosos... Evoco um exército humilde, nesse uniforme tão sem estética e tão belo, que desliza pela minha ternura.

Doces aventais, atestados do carinho e da bondade com que nos cercaram os dias cintilantes de outrora.

São como bandeiras, ricas bandeiras, que tremulam docemente, hoje, dentro da minha gratidão...

As mãos que descansam agora, tranquilas...

Vejo-as no seu repouso, sós, engrandecidas, revelando, caladas, o segredo de sua força. Mãos sem cor, descarnadas, cansadas, que irradiam, ainda, uma segurança quase sagrada. Mãos que, nas incansáveis labutas, manusearam sem tréguas agulhas, vassouras e painéis. Que agasalharam crianças famintas e friorentas, envolvendo-as no calor de sua energia.

Aquelas saliências, que carregavam sangue e acentuavam a palpitação da vida, estão vazias. Tudo vai embora, mas as lembranças destas mãos permanecerão nos trabalhos que se esparramam pela casa: toalhas de crochê, capas de cadeira, colchas de retalhos, caminhos que a paciência trilhou...

Mãos diligentes, caprichosas. Mãos que realizaram os músculos dos filhos na transubstanciação do amor em proteínas.

Ah! Os mingaus das madrugadas... os ovos aquecidos com ternura: - "Só dois minutos, meu filho!"

Agora elas estão quietas. Não respondem sequer aos cumprimentos. E estenderam-se tantas vezes para as bênçãos, repetidas bênçãos, que eram a própria proteção: "Deus te abençoe, meu filho."

Mãos que lavavam e teciam, acariciavam e castigavam também. Mãos que construíam! Que traziam aos corpos amados o aconchego de cobertas e preces. Mãos, que em ritmos desiguais de um balé ininterrupto e em compassos febris, iam tecendo, cosendo, enfeitando, consertando... Mãos que foram perdendo o viço e a beleza, mas que não pararam no cumprimento do dever. Mãos que eram o alicerce da casa, segurando frágeis e vacilantes paredes, rebocando com a argamassa de sua coragem débeis arcabouços. Mãos poderosas, que distribuíram paz, milagres, transformando míseros retalhos em floridos e esplendentes

vestidos. Mãos que, na cadência de um terço, marcavam o compasso da dedicação. Mãos velhas e inertes. Desamparadas e feias. Gastas, calosas e maltratadas. Mas que eram prisma, por onde um sol de otimismo se infiltrava, dourando a pobreza da casa, reverdecendo as rotinas de beleza!

Mãos que, tantas vezes, amassaram, junto ao pão da subsistência, o pão do espírito, com gestos e conselhos serenos.

Mãos que se estenderam como tapetes, ao longo dos caminhos por onde pisavam os filhos, marcando direções firmes, juncando-os de flores e de luzes.

Que se desdobraram, miraculosas, em múltiplas tarefas; que suavizaram fronteiras escaldantes e juvenis e enxugaram lágrimas incandescentes...

Mãos que se despedem agora. Brancas e frias. Imóveis.

Que sobressaem na melancolia de um vestido negro.

São um monumento. Triste e humano. Valioso monumento, sólido como mármore, esculpido em abnegação!

Monumento que conta a sua história. Todos em volta olham aquelas mãos. E têm uma visão diferente: alguns recordam com elas doçuras de infância, curando ferimentos de todas as espécies; outros vêm apenas a fragilidade da matéria e desconhecem a sua força.

Mais tarde, as flores, fenecidas, se irão com o seu perfume.

Tudo vai embora..., mas aquelas mãos ficarão... na lembrança que construiu no coração dos que amou...

Apenas aquelas mãos...

Era uma pena não ir aproveitar a manhã, com o céu limpo, o sol doce e aquele ventinho inquieto que a purificava.

Era domingo e tínhamos ido à missa. As crianças ficaram contentes com o presente inesperado do tempo. Na véspera chovia, que dava gosto. Juntaram apressados os calções e os petrechos de piscina e se foram naquela alegria tonta de férias. Eu fiquei.

Era uma pena, realmente. Mas precisava afundar-me numa crônica. Prometi a mim mesma fazer ao menos uma por semana e já findava o meu prazo. Um compromisso próprio incomoda muito. Com os outros a gente argumenta, espicha desculpas gastas, mas sempre convincentes. Mas nós não as aceitamos assim, evasivas de preguiça ou falta de tempo... Fez! Pronto! Cumpra!

A manhã está bonita? “Tanto melhor”, disse-me uma vizinha insistente: “deve sair uma página clara e festiva, então, muito melhor de que aquela tão sombria da última tarde de vento... Lembra-se? Andamos desenterrando sossegados mortos, retratos amarelados, coisas assim” ...

Recolhidamente, sozinha, aqui fiquei escrevendo e os ruídos da casa, costumeiros, mansos, e os gritos dos passarinhos são um acalanto gostoso. Ouço, também, as crianças que brincam e solicitam atenções, mas não são as minhas. Posso, tranquilamente, ignorá-las...

Sou uma discreta senhora sem muita vontade de escrever. Com muito mais desejo de me deixar tostar pelo sol e brincar com meus filhos. Mas gosto também deste minuto de silêncio. Parece que se aspira a vida com mais fartura, assim só! Um minuto, só meu, parece que rende tanto!

Faço os meus balanços, enfrento os meus problemas, pequenos ou inexpressivos e penso. Estamos nos dividindo tanto! Com os filhos, com os parentes, os amigos. Os afazeres nos roubam quase todo o tempo. Costuras, bordados, festas e doces. Sobra tão pouco!

Vão ficando nas estantes os livros que temos vontade de ler; nas aspirações, os programas, as crônicas feitas às pressas, sem densidade. Tanta gente fica doente, num lugar pequeno, e têm filhos e têm apendicite e fazem anos e festas, e temos que lhes levar o testemunho audível de nossa amizade.

As visitas cordiais e as conversas cordiais, embora agradáveis, nos consomem. Penso que um cronista de obrigação, como os dos jornais diários, faria muito bem em ser celibatário. Não devem ter muitos compromissos. São homens que tiram de seus amores vagos uma vaga melancolia e recolhem, de seu tempo vazio, a nata de sua vadiagem. Donos de si, vivendo a sua boêmia, nos contam tudo tão agradavelmente... É verdade que os filhos me inspiram e me dão ânimo e me enchem o coração de ternura tanta, que fico até leve e fácil de emoção para escrever. Vigio os meus dias, entre as refeições e os trabalhos, e eles se escoam pelas minhas mãos sem que eu nada possa reter.

A manhã é um deslumbramento, mas num instante ela vai embora. Os gritos das crianças se perdem para nunca mais. E as vozes dos homens estão aí, tentando abafar o ruído de seus pecados e de seus remorsos e eu adivinho emoções no sol que cai todas as tardes...

Só a solidão é paz.

Saboreio o meu minuto de solidão como a um licor. Escrevo e penso e o bebo. Outras, como eu, também quereriam sair e ficaram em casa para outras tarefas, as quais as prendem. Muitas arrumam o amarfanhado dos lençóis, onde, à noite, jogaram os corpos cansados.

Outras cuidam do almoço. Lavam verduras, cortam bifes sangrentos e reclamam que a carne está dura e o arroz caro e não presta.

Olho estas coisas sem muito nexo que pensei e o centímetro de vida da qual tirei esta dimensão indecisa e meia vaga. E vejo que já posso parar.

Acho que a manhã ainda guardou uma hora de sol para mim!...

Nunca a vi, na sua eterna infância. Ou, se a vi, não retive na memória a figura franzina e leve. Mas isso não importa. Sabemos, apenas, que não envelheceu. Não acompanhou, na evolução natural e espontânea da espécie, o seu caminho comum.

É, ainda, uma criança, a quem a vida foi golpeando, ímpia, roubando-lhe os que lhe queriam com desvelo: a mãe o pai, o irmão mais velho.

Resta-lhe uma tia dedicada, que lhe ampara a trôpega e vacilante infância. Cresceu-lhe o físico. Mas a mente, envolta nas brumas da inconsciência, permaneceu imatura. Que pensará, dos ausentes, a mente obscurecida? Não os menciona...

Não terá retido, na memória frágil, a imagem dos que se apagaram? Não sei. A vida, para pobre enferma, resume-se no minuto que vive. No fruto que saboreia com avidez. No banho que usufrui com delícia, espadanando água fresca, como um bebê saudável. Nos sapatos coloridos que lhe cobrem os pés indecisos. No olhar arregalado e tonto com que encara as desconhecidas sensações que experimenta.

Assim, há trinta anos, nesse viver ingênuo e aparentemente sem finalidade, sustentada pelo carinho que ainda não lhe faltou, por mãos que não foram suprimidas de vez.

Contaram-me, outro dia, que ela agora tem uma profissão!... Certa pessoa caridosa, com pena daquelas mãos vadias, que tateavam o ar à procura de atividade, teve uma ideia feliz: levou-lhe papeis dourados, retalhos de ouro e prata, rubros e cintilantes, em cores que a alegram só de os ver!

E deu-lhe, pensando num momentâneo brinquedo, um desses aparelhinhos de furar papeis para pastas de arquivos.

Foi uma inspiração! A moça passa, desde então, os dias, no afã que a distrai e encanta. Faz, com eles, confetes diferentes, dourados, floridos! E os vai juntando, paciente, como se eles fossem as lágrimas que ela não soube verter por todas as dores da vida.

São gotas grandes, suores de um trabalho cândido e simples, que ela recolhe, durante o ano vazio, num carnaval anual, fictício e débil, misericordioso e encantado, para enfeitar três dias de insanidade alheia.

Enquanto outros choram, ela fabrica, na sua inconsciência singela, um símbolo de prazer efêmero. E enquanto espalham, embriagados e cegos, nos ares festivos, os círculos multicores, ela descansa.

E os veranistas de Caxambu, conhecedores da procedência dos seis ou sete saquinhos coloridos, pagam por aquelas gotas de ilusão enternecidas, generosas somas.

Mas o gesto comovido não impede que a leveza da compra lhes pese nas mãos, e que não queiram profanar-lhes a pureza da origem, misturando-os aos papeis comuns dos salões. Então, completando a generosidade fácil, dão, para as crianças que brincam por ali, o presente inesperado e singular.

Graciosas, sorridentes, num minuto elas dilaceram o invólucro cuidado e dispersam, numa nuvem feiticeira e breve, os círculos minúsculos. E as ruas de Caxambu ficam orvalhadas, repentinamente, de um místico pranto de ouro e prata...

O povo se aglomerou em torno dele, curioso.

O velho caíra de borco, no chão; a cara branca, esfregando-se no pó, misturado ao suor da face, compunha estranha maquilagem. Surgiu, quase brotou do chão, um pequeno de carinha assustada e começou a puxar o velho com ternura:

- Acorda, vovô. Olha o que a moça me deu. Você gosta; é doce, vovô.

Vinham de uma cidade vizinha. Moravam sós e faziam peneiras para a sua subsistência. Madrugada ainda e lá iam os dois aos sombrios bambuais, de onde cortavam grandes feixes de varas.

Agora a rudeza de uma revelação:

- Teu avô está morrendo, menino.

Caindo, pesada, nas costas frágeis, uma solidão antecipada. Chega um carro providenciado. Ali ajeitaram o velho, arroxeadado então, olhos vidrados, corpo rígido. O menino segura entre as suas as mãos calosas, estranhamente feridas. Tem, na mente assustada, lembrança da voz cansada a desvendar-lhe a vida e seus mistérios. Sombras de tragédia se dissolvem no seu medo humilde:

- Morrer é descansar, meu neto.

- É como dormir?

Leve brisa agita a cabeleira da criança e refresca, um minuto, a face agonizante. A mãozinha trêmula sente um aperto mais pronunciado; e parece que veio uma sombra, densa, sutil, e pairou dentro daquele carro.

O médico ausculta o coração que descansa agora. Decidem levar o corpo ao necrotério; assim mesmo, como está,

amortalhado de poeira, a cabeleira branca entremeada de lama. As mãos, num gesto perdido, largadas.

Ao lado, duas velinhas enfeitam a morte, docemente, com sua chama ondulante.

- Vem tomar café com pão, vem!

O menino exhibe a mãozinha encardida com um rubro pedaço de doce, como se lhe custasse proferir palavras. Apenas um lampejo medroso lhe aviva os olhos.

- Você não pode permanecer aí sozinho.

As palavras vêm muito mais velhas que seus miúdos oito anos:

- Eu não estou sozinho; estou com o vovô...

Uma pessoa identifica o cadáver:

- São eles mesmos. Vi-os passar de manhãzinha. Parece que o velho andava doente, sem poder trabalhar, e decidiram pedir esmolas.

O menino chora manso: “Quando eu for ao rio pescar lambaris, quem irá estripar os peixinhos? Eu tenho nojo de tripa, vovô”.

E descansou longamente a sua mágoa numa fieira de peixes cintilantes.

“Que irão fazer com você? Uma vez eu vi, num lugar esquisito, uma mulher deitada. Tinha uma flor nas mãos. Fizeram um buraco no chão e plantaram ela. Será que vão plantar você? Vou pegar o meu cestinho de palha trançada e vou lá naquela casa da moça que me deu o doce...”

O apelo da vida empurra o ambiente da morte. Lembrando-se do doce, começa a lambê-lo, furtivamente. Todas as pessoas no Hospital se inquietam com a sorte do pequeno. E dão palpites e tomam providências.

- É teimoso, diz alguém. Não há quem o arrede dali.

Todos mostram um respeito tardio pelo velho, que dorme, sereno, um leve sorriso brincando nas rugas desiguais. Poucas vezes o sol o deveria ter visto nessa posição horizontal. E tem um brilho de espanto também...

O menino lambe o seu doce, já sossegado. A vida e a morte são para ele secundárias. Não pode penetrar ainda, na inconsequência feliz de sua idade, a premência da sua solidão. E ainda tem, embora imóvel, a presença do vovô. As pontas dos sofrimentos sempre o feriram, nas formas mais variadas. A fome, que doía. As pedras dos caminhos, arestas que lhe machucavam os pezinhos desnudos. As felpas costumeiras das taquaras, permanecendo teimosas, doendo, nos dedinhos débeis. O escuro, que lhe trazia tanto medo, nas longas noites, apagado o candieiro por falta de combustível. O frio, que lhe furava a pele como graúdas felpas maldosas!

A Irmã de Caridade, compassiva, senta-se ao seu lado:

- O vovô foi para o céu.

Ele, despindo a sua mágoa, como quem se livra de uma roupa que pesa, pensa que deverá avisar uma coisa.

- Não suba, vovô. Eles devem ter uma grande escada. Depois que você sobe, eles tiram ela.

Lembrava-se de lhe haverem dito que a mãe havia ido para o céu. Era morena e bonita. Recordava-se dos longos olhos de amor fitando-o docemente. Um calor manso e repousante vinha dela, um aquecimento de carinho que o confortava mais que os pobres agasalhos com que as ternas mãos o cobriam. Depois, um afastamento triste, perguntas sem respostas... Mas não tem coragem de despertar o avô agora. Ele parece tão feliz no seu sono!

A sombra da tarde, roxa, incandescente, penetra, como uma visita, pela única janelinha da sinistra sala. Badala, longe, um sino, e a sua música repinicada desperta na criança uma vaga

alegria e paz. Lambe os dedinhos lambuzados e vê, ali fora, uma trêmula flor que se balança na ponta da haste.

Corre. Ninguém o vê. Apanha-a e deposita-a com imenso cuidado nas conhecidas e acariciadas velhas mãos.

Senta-se de novo, cruza as perninhas magras e as fica balançando, cheio de contentamento!...

Escolho, de propósito, a xícara mais bonita. É de porcelana inglesa, recebida de presente num aniversário.

Ela dá-me a impressão que deseja sair voando daquele pires. Muito leve e grácil, o pezinho muito elegante, a repousar no espelho redondo. Transparente como asas de libélulas, frágeis, iluminadas!

Escondia-a no armário, temendo que se quebrasse, de tão delicada. Mas a minha fantasia, hoje, justificava o risco. Preparei o chá, e, já na cana, recebi-o na xícara escolhida.

Bebendo-o, quis transportar-me à China antiga e misteriosa, ou a uma austera sala inglesa, sendo uma “Lady”. Qualquer coisa, a tomar chá com seus convidados.

Era, porém, uma senhora muito reservada e saí de sua pele. Então, pensei, vou sonhar coisa que valha a pena. E sentei-me num daqueles inúmeros e elegantes bares em Nova Iorque e saboreei, como já havia feito tantas vezes, o meu chá de saudade.

O garção, solícito, perguntando-me, intrigado, naquelas doces manhãs de um agosto límpido e maravilhoso:

- No eggs? No ham?
- Please toast and tea.
- No coffee?

Deus que me livrasse daquele café! Homem!... Eu sou brasileira! E vou lá beber essa porcaria de café que vocês tomam aqui? Eu ficava pensando como podiam comprar tanto café, ao ponto de influírem decididamente nas nossas economias, se o bebiam daquela maneira – tão mal preparado!

Servem-no numa xícara de chá, aguado e quase sem açúcar. Um dia fomos a um restaurante português, e levei um pouco de pó; eles faziam café brasileiro. No fim de longa espera, veio uma bebida fervida, apertando na boca como caqui verde.

Então, apesar do verão, eu pedia chá com torradas; estas, uma delícia. E lá vinha a minha xícara fervente e o pacotinho de chá, amarrado pelo pescoço como um enforcado, submerso nela.

Eu acabara de ler o romance que me sugerira aquele chá lírico, àquela hora. Fazia frio, e a bebida reconfortante comunicou-me um doce calor de sonhos.

Deposito, com todo o cuidado de proprietária, a xícara preciosa, na mesinha de cabeceira. Amanhã, penso, vou guardar de novo essa borboleta para um próximo voo.

Restos de leitura... pedaços de páginas... chás de crianças doentes... romances lidos na juventude... xícaras que mãos irreais seguram... lábios sorridentes... gestos cordiais servindo-os; líquido revigorante e moreno escorrendo, como a suavidade de um afeto; donas de casa derramando o seu coração em taças, que se elevam, como cumprimentos... salas de visitas... pernas cruzadas... cordialidade!

Doces chás de Nova Iorque, onde as luzes cintilantes da Broadway e todo o meu encantamento punham trêmulas estrelas no fundo das xícaras...

O menino está compenetrado, escrevendo uma carta e, de repente, me pergunta se “felicidade” se escreve com “c” ou com “s”.

Uma estranha emoção me envolve. O seu problema é ingênuo e profundo! Lida, com uma palavrinha, despreocupado e tranquilo, sem suspeitar a sua complexidade, a sua importância.

Ele inicia, assim, o seu jogo com as letras. Aprende a manejá-las, já escreve e lê. Mas em todo o fascinante caminho de seu aprendizado, por si tão comovente, em nenhum momento tocou tão profundamente a minha sensibilidade e ternura como agora, com essa perguntazinha, que traz um mundo após si...

Nós lhes preparamos o caminho da felicidade. Tentamos munir-lhes as mãos de armas preciosas para essa conquista; tentamos acostumar-lhes os frágeis olhos às luzes dessa descoberta.

Pintamos, com nossas cores mais exuberantes, o caminho do bem e do mal. Através da vida de todo o dia, filtramos em exemplos as nossas lições para fixá-las e defini-las.

Há expectativas e frustrações. Há permissões e negativas, sempre de acordo com o nosso próprio discernimento. Vamos buscando a felicidade para eles e tantas vezes nos parece esse um ideal inatingível...

E o seu significado também varia, segundo fases da vida.

Então perguntei, curiosa:

- Meu filho, que é felicidade?

Ele morde o lápis, olha-me num longo silêncio, depois diz:

- Felicidade é alegria...

Felicidade é alegria, uma definição difícil, convenhamos...

Um dia, meu filho não sabia sequer pronunciar essa palavra. Aprendeu. Hoje aprende a escrevê-la corretamente.

Talvez a grafia não importasse tanto, pois a pureza do seu desejo formulado supriria o erro e não se confundiria com mais nada. Mas é um bom sinal se ele quer dizer corretamente os seus votos.

Neste estado de espírito em que eles me jogam, com gestos ou olhares, ou perguntas, fico a imaginar o futuro, tentando esboçar estruturas definitivas nesses vislumbres repentinos.

Vamos esboçando os nossos homenzinhos, alicerçando os caracteres na formação complexa, idealizando-os adultos completos e felizes.

Vamos construindo assim um desenho incerto, com paciente e renovado entusiasmo, a cada conquista, a cada embaraço.

Meu filho escreve e volta à sua carta. Mas esta cena estará, para sempre, dentro de meus minutos preciosos:

- Mamãe, como é felicidade?

E trarei comigo também, como uma conquista e um tesouro, a definição acertada dessa criança, porque, se sabe defini-la, saberá buscá-la.

Tomo humildemente do lápis e dialogo comigo mesma sobre o fato.

Nunca esquecerei essa boquinha sem dentes, a perguntar sobre a palavra miraculosa e fantástica, que às vezes tanto se esconde, noutras quase se oferece.

- Mamãe, felicidade é alegria...

Tanto faz, pois, que ela se escreva com “c” ou com “s”!

Seria mais cômodo não expor meus sentimentos, nem mostrar, assim, o que penso e sonho, o que anseio e sinto.

Seria melhor não olhar as coisas de modo que solicitem um comentário. Pensar sozinha.

Guardar todas as tolices, os pensamentos e as análises e rotular - *reservado*.

Que me leva a escrever? Estímulo?

Não seria melhor cuidar, tranquila, de linhas e bordados e manejar a agulha calma ao invés desta pena inquieta?

Bordo pacientes flores nos panos. E elas resistem ao tempo.

Não são tão belas, ou até estão muito longe disso, mas imitam as flores de Deus. No papel, as flores fenecem; o papel não é elemento durável e quanta responsabilidade envolve!

Murcham as minhas flores – ou será presunção chamar assim pensamentos... – mas as minhas construções mais efêmeras, entre vestidos e bordados, ficam, reagem, proliferam!

Eram umas poucas linhas no princípio. Parece que agora já fazem um volume e começa a surgir outro, sorrateiro, chegando assim despercebido.

Mas depois, eu sei, começam as exigências.

Tomam-me do meio do sono, penetram no centro do meu repouso.

Sacodem-me. Eu me esquivo, quero fugir. Não quero pensar, não quero transigir.

Não penso nada, não sei nada; devo calar-me.

Devo ser o que sou e basta. Não devo penetrar em outro mundo que vai arrasar o meu anônimo sossego.

Disseram que quero estar sempre vestida de mãe de família e com este uniforme cumprir corretamente o meu papel, desempenhar somente - e basta - essas funções.

Vou à cozinha - em pensamentos - talvez vezes demais. Flagelo-me com o pensamento do dever. E por que devo deixar transparecer os meus problemas? Seria mais cômodo calar...

Lá no fundo – disseram - não sou assim tão dona de casa e mãe de família. Por quê?

Os meus sentimentos se misturam entre o dever e a fuga. Há uma derivação - o livro alheio.

Aquieto-me, lendo o que os outros tiveram a coragem de dizer, coisas que contaram... As flores que criaram, sem importar que a chuva as desfolhasse.

E elas resistem e algumas comunicam o seu perfume. São reais.

Mas eu não ousarei enfeixar os meus ramalhetes... Há uma desordem no meu jardim!

Se eu colhesse, elas talvez viçassem e se desdobrassem em multiformes esperanças. Mas tento afogá-las, na secura do mutismo. Não só por senti-las inúteis, mas porque elas me afastam do que considero essencial.

É isso, elas me afastam. Um jardim é sempre tão sedutor! Há a tranquilidade das flores miúdas, esparramadas sem ostentação. E se eu ali penetrar – ah! – terei que revolver a terra com ternura e até ferir os meus dedos, porque a terra é generosa, mas exigente...

Já tenho experimentado dessa generosidade. Enterro displicentemente, uma semente. Esqueço-a. Depois, quando a procuro, ela não está morta, apesar de meus receios, e quer um transplante que me solicita.

Jovens mães estão empurrando deslizantes carrinhos de bebês nas praças. Outras carregam embrulhos, diligentes, trabalhadoras.

Outras se encerram nas conchas protetoras de suas casas e fazem de seu coração um servo de mil braços, alçando infinitas tarefas.

Num canto de ninar, eterno, tecem ordens, conselhos. É a este exército que eu pertenço. Nele eu me alistei. Devo marchar com ele.

Um-dois-um-dois... Feijão com arroz... um dois!

Às vezes ensaio uma corrida, a tarefa no meio, e corro a um canto solitário. A solidão me convida. Não devo aceitá-la, porque ela é perigosa. Talvez me afaste demais e perca o rumo.

Outras sentirão o mesmo e oraremos – “Senhor, afasta-me do apelo desta solidão!” A minha prece não deverá subir só, tranquila, como se viesse do recesso de uma cela.

Mil vozes devem acompanhá-la. Devemos ser um burburinho, arrulhando com rumor e coragem...

As vozes das crianças precisam ser guiadas... a adolescência precisa ser advertida...

Felizmente não somos de vidro.

E calmas, neste exército, marchamos...

Antes podíamos dar-nos ao luxo de ser alegres. De esquecer as nossas limitações em termos de eternidade, nossas precárias condições de vida, e sorrir.

Mas, depois que instalaram esse novo relógio na Matriz, e que bate insensível, em dobres de finados, todos os nossos míseros quartos de hora, quem o pode?

Louvo o mérito do sacerdote que conseguiu o régio presente para a sua igreja e a generosidade ímpar de quem o deu, mas abomino o fabricante dessa máquina que, ao invés de nos brindar com a sonoridade de um cumprimento, nos manda esses tristes e desairosos acordes.

A morte é uma ocorrência diária, comum, temida, a despeito de esperada. Mas é justo que a gente, por vezes, dela se esqueça.

Instalaram esse relógio imenso, de timbre agourento, e a gente está sempre pensando que estão levando alguém a enterrar. Dá aquela tristeza funda, irremediável, pasmada, entrando de cheio nas mais agradáveis ocupações.

Não. Nós precisamos protestar. Precisamos trocar esse badalo por outro que, de acordo com a lógica e a indulgência, vibre em tom mais cordial. Precisamos defender a integridade de nosso sorriso corajoso. Nós temos os momentos próprios para pensar na morte. A igreja os tem. E a vida os tem, quando interrompe, na mais imprevista das visitas, a trajetória incipiente de um caminho... e é muito bom que assim seja, porque o sentimento do precário nos traz dimensões exatas dos valores.

Mas temos que viver. E devemos viver afastando os amargores, arquitetando planos para o futuro, colorindo esperançosamente perspectivas de sombra, afastando teimosas

desesperanças, para que o esforço dignifique e valorize o sacrifício.

Temos a nossa hora definitiva. Sabemos. E devemos estar sempre preparados para ela, que poderá chegar sem aviso prévio.

Como disse um cronista, Deus precisa de todas as idades para compor o seu céu, que não seria tão belo sem os risos das crianças e a face imprecisa dos moços. Mas não precisamos lembrar-nos, a todo momento, dessa contingência e dar, com ela, um significado improdutivo e injustificado à vida, em implacáveis quartos de hora.

Por isso vamos protestar. Vamos solicitar um ritmo mais generoso, mais inocente.

Aqui em casa temos um cuco que dissipa tristezas. Tem um jeitinho maroto de anunciar o tempo; às vezes canta meio maluco, se atrapalha nos minutos e faz a gente se esquecer que a vida se escoia pela gargantinha inofensiva.

Os monges trapistas - ou são os cistercienses? - vão construindo nos claustros as suas próprias sepulturas. Contemplam e aprofundam, a cada dia, a cova que os espera. Se estivéssemos num mosteiro, talvez nem cruel nos parecesse essa separação. A vida, ali, gira em torno do principal, da passagem esplêndida desta para a outra.

Estamos entre quatro paredes que solicitam de nós muito mais de que contemplação ou estudos. Reclamam movimento incessante, quando desejaríamos o mais absoluto repouso. Gostaríamos de estar, às vezes, encerrados numa cela refúgio, onde pudéssemos fugir aos barulhos exigentes do mundo, e onde conseguíssemos brunir a alma até ao resplendor para a sua última e luminosa viagem.

Quantas vezes isso não seria muito mais fácil que sorrir aos importunos, falar quando o silêncio seria uma benção, castigar quando os lábios reclamam carícias, intervir quando se

quer ignorar, insistir quando seria preferível esquecer, animar, quando a voz, cansada, quer morrer no fundo da garanta?

Não queremos pensar na morte por covardia ou por temermos pensamentos deprimentes. Mas a vida tem de ter esse toque de romantismo ingênuo, impensada inconsequência, para ser leve e suportável...

Enquanto escrevo, duas ou três vezes os tristes sons ecoaram.

Se o nosso protesto não for levado em consideração, o que é bem provável, a cidade terá, de agora em diante, para os ouvidos forasteiros, esta aparência melancólica que tingiu, também, esta página.

E lhes diremos assim, num tom de desculpa:

- Antes, podíamos dar-nos ao luxo de ser alegres...

Pois é, como digo sempre, pode-se lá misturar literatura com todos os afazeres de casa?

Estou escrevendo, mergulhada até as orelhas num lirismo que consegui desenterrar do fundo de um baú. Batem à porta. A primeira vez, eu não ouço. Mas sou obrigada a ouvir a segunda e a terceira.

É o vendedor de tomates, com a cara mais inocente deste mundo, a mostrar os frutos apetitosos e graúdos.

No estado em que estou, este sub-êxtase escrevinhatório, tento pegar, no ar, uma nota de cem cruzeiros para pagar o quilo.

Mas o meu encantamento não chega para tanto. Tenho de ir procurar a bolsa, que as crianças certamente trocaram de lugar.

Quando recomeço, não encontro o fio da meada. Sumiu-se. Enfiou-se não sei em que fresta da cabeça e não o consigo reencontrar. Fico quieta, mordendo o lápis devagar, numa expectativa ansiosa.

Talvez aquele estado de espírito volte e me propicie uma boa página. Qual nada!

A empregada chegou e inicia o zumbido da enceradeira, que parece o de um enxame a trabalhar. Elas são mais tenazes de que eu, que já sinto vontade de parar. Elas constroem o seu poema no chão, que cintila como um espelho. Pisam, arranham, estragam os seus versos, a cada passo; elas, corajosamente, os reconstroem todos os dias.

Pensando nisso, tenho uma ideia.

Se eu tomasse um livro de versos e me sentasse naquele canto, talvez começasse, segura, esta comunicação lírica a que nos conduzem as musas.

Leria algumas páginas sobre o amor. E ficaria pensando no meu, nos seus, no amor de tanta gente que eu conheço e de quem já ouvi falar; alguns incompreendidos, outros indo bem como nos romances; depois eu me lembraria, assustada, que minhas filhas já entraram nesse programa e me encolheria na cadeira, muito envergonhada.

Mas há outras poesias, ora! Eu tomaria o livro de versos de novo e leria sobre a terra, a casa. Ah! Drummond dizendo: “Conheço bem esta casa...”

E eu poderia ir encontrando o caminho da inspiração, pensando.

Penetro nos quartos onde ressonam as crianças. Contemplo, embevecida, o meu mundo, o nosso mundo em repouso. Reencontro, nas faces adormecidas, o contorno da esperança e da saudade, juntas, a caminharem depressa. Os pés, largados, iniciarão longos caminhos... as mãos sugerem desamparo: no entanto se enrijam, crescem, pássaros que ensaiam voos tranquilos, em amplos céus desconhecidos...

De repente, interrompem-me de novo. É uma carta urgente para ser batida à máquina. Trec-trec-lec-trec... trec-tre-lec-tec... Prezado senhor... Conforme entendimento nosso por telefone...

Conforme entendimento com meus próprios botões, eu ia escrever uma página, daquelas que deixam meus dois primeiros leitores com aquele riso fácil nos lábios, deliciados. Era o meu propósito...

Vamos testar mais uma vez... Drummond de novo... “Conheço bem esta casa...”

Se a conheço!... Esta casa, aquela outra, as casas que moramos, em que pisaram os nossos passos vacilantes... refúgios, trincheiras, onde abrigamos os nossos amores preciosos... Os

risos cristalinos das crianças, em ecos de felicidade... Sons das canções de aniversário, sons dos primeiros balbucios; sons de sorrisos e cumprimentos... casas que conservam, nas tardes serenas, gosto de antigamente, onde, num balanço de cadeira, alcanço uma balançada da infância, tão perfeita e sinuosa como nos passados dias!

Conheço bem esta casa... seus móveis escolhidos com ternura, suas cores, as cortinas que descerramos, como pálpebras sonolentas, em noites de inverno... as paisagens que se divisam das janelas... o seu murmúrio nas noites de insônia... a temperatura de cada cômodo, que nos envolve como carícias, nos verões e invernos...

A doçura de nossas tardes de silêncio, nas poltronas que guardam a marca de nossos corpos... a conversa amiga dos amigos... as novidades que as crianças trazem... seus anseios...

Oh! Não! Um recado novamente...

E lá se vão o livro, o poeta, a máquina, e todo o lirismo dispersado, porque o recado me solicita e tenho de sair; dona Fulana, não pode, não, senhora, ficar imaginando coisas nas suas cadeiras, e tem de ir tomar as suas providências; sua cabeça é como a sua cesta de costura, onde, junto de linhas para bordados e consertos, e uma infinidade de miudezas, há um papel amarelecido com um lindo verso de Neruda:

... “Posso escrever os versos mais lindos esta noite...”

E eu? Posso?

Ele vem vindo, pela rua, puxando por um barbante seu caminhãozinho. É bonito de ver. A roupinha amarela e aquele fundo de céu muito azul fazem um belo quadro, no qual só falta a moldura.

O caminhão vermelho faz contraste vivo e estético. E há, ainda, para embelezá-lo, o sorriso radioso do menino.

Do menino que vem pela rua puxando o seu caminhão.

Aposto que passou despercebido de todos esse painel tão belo, com as cores da tarde e a poesia do gesto e a simplicidade e o brilho com que a alegria pura enfeita os quadros da vida.

E desconhecem o olhar do menino. ... que ficara doente e precisara de uma injeção.

- Eu deixo, se me derem um caminhão.

E o heroísmo de suportar calado a dor, grande para o seu pequenino tamanho. Os lábios num ligeiro tremor - coisa de nada - e a alegria de ter merecido o presente.

Brincou com ele, todo o dia, como se, com longo e dificultoso trabalho, o houvesse conseguido.

Chamo-o!

Ele vem vindo com o seu triunfo.

A figurinha vem crescendo, e o desenho caprichoso de sua forma se projeta mansamente em setas luminosas no meu coração.

Ponho-lhe a moldura que faltava. Um dourado contorno.

E penduro-o na galeria de minhas memórias mais gratas, resguardando-o para as futuras saudades que virão desse momento fugaz e comovido...

Naquele sábado, as filas estavam enormes, em ambos os confessionários. Não sabia como decidir-me, sem tempo para esperar muito. Não gosto de passar à frente dos outros, nem de lhes pedir esse favor. Fiquei vendo quanto tempo levava ali cada um dos penitentes e se o padre se desincumbia rapidamente deles. Talvez não tivessem grandes pecados. Esperei. Logo chegou a minha vez. Com um vago indefinido mal-estar a gente se aproxima. Com convicção. Com fé, confiança, mas tremendamente humilhada e confusa. Escolhem-se as palavras, com cuidado, querendo medir a exata dimensão de culpa que elas permitam vislumbrar.

Lá, desenrolando-as do novelo de nosso arrependimento, parecem mais fáceis de pronunciar. Luz tênue, esperança de que o fardo se desprenda de nossos ombros de uma vez por todas. A esperança é uma virtude muito paciente. Ajuda-nos à reconciliação.

Os passos são leves, agora. Caminhamos até o banco para a penitência, branda, tão branda, que a triplicamos. Os vitrais despejam luz doada e tímida, como de um arco íris emprestado pela nave.

Sinto-me bem, protegida pela penumbra de meu véu preto. A minha urgência se desmancha num entorpecimento que me faz puxar um terço sem pressa.

Para ali levei o fardo de minhas culpas e uma fluída e morna decisão de dissipá-las. Desafio, na memória, os meus monótonos pecados. O que eu não disse, sem palavras. As omissões, as boas intenções frustradas, a tepidez culposa de um comodismo fácil. As providências que me encham os dias de futilidades. Eu nem sequer posso dizer a Deus que tenho as mãos

gastas no serviço. O calo que as adorna foi produzido pela caneta, escrevendo palavras vazias.

Não posso dizer que as lutas me sobrecarregaram, pois nem tenho batalhas para enumerar; apenas pelejas sem relevo...

Nunca tive fome de alimento; estou sempre saciada. E, se o frio quiser penetrar-me, tem de atravessar grossas paredes de abrigo...

Todas as apreensões que nos tomam não diferem das que têm todos os mortais. E tanta gente submersa em sofrimento! Em desespero! Tantos que nem podem vislumbrar a paz que eu desfruto sob a proteção destes pórticos!

Observo as filas que se vão dissolvendo, e o dedo de Deus que fura benevolente as consciências, mergulhando-as no perdão.

Caminhamos serenamente. Atravessamos a infância, vamos deixando para trás a juventude. E, como avisos de eternidade, uns fios brancos nos dizem que o tempo vai correndo.

Olho o tremular doce de uma velinha que se consome em louvor. As flores que vão fenecendo em aceitação. Os apóstolos que, encimando as colunas, têm um rosto familiar. São Pedro. Imagino-o a pescar grandes peixes turbulentos, a rede eterna em ação.

Transborda a minha gratidão pelas vezes que ali deixo as minhas mágoas. Pelas vezes que vou abastecer-me de esperança.

Os bancos, numa alinhada uniformidade! Tudo parece revestido de paciente expectativa!

Aqui dentro, os ecos da vida têm um rumor diferente, vibrados em outra dimensão. Um grito de criança, feliz. Uma porta se fechando bruscamente. Um martelo a bater, cadenciado, soluções de pregos! Pregões, assovios até! Gestos e gritos que se perdem sem finalidade. Eu me humilho pelas faltas que confessei e pelas que pensei, sem saber defini-las. Deus me perdoou

também estas. A esta fome de justiça sem impulso, imobilizada pelo conforto do hábito. Sou batizada por um Deus de pobreza e a tememos. Por um Deus de pureza e temos as mãos manchadas e os lábios maculados pelas palavras vãs. Cometemos desatinos com nossas mãos tendenciosas. Deus paciente, e nem temos paciência suficiente para com nossos próprios filhos. Deus humilde, e nossas bússolas viciadas sempre se voltando para as fascinações da grandeza.

Que foi que acabei de dizer ao padre, naquele tribunal, merecendo a pena de uma oração?

E saí de alma leve, descuidada?

O lodo, no entanto, ficou revolvido e, deste balanço, farei um arrimo, uma alavanca que me eleve. Penso que a graça do sacramento é tão grande, que me iluminou a mente obscurecida para as verdadeiras faltas.

Não estou deprimida. Deus me colocou aqui. Ele me sacia. Oriento meus passos para o burburinho das ruas.

Vamos começar de novo, com esse punhado de graça que nada me poderá tirar.

Entram e saem e ecoam, pela nave silenciosa, novos passos tranquilos.

Benditos os passos que conduzem à paz. E saio apaziguada.

Menina de uniforme, construída de sonho e poesia. Por dentro e por fora. Carrega poesia nas pregas da saia quando sai, fagueira, marchando como soldado, ao ritmo da vida!

O sol da esperança ilumina o seu caminho, por vezes sombrio de dúvidas e espantos.

Menina de uniforme, que traz, nas mãos, pequeninas, livros e lápis, armas que a vida não vai dispensar. Enfrenta a batalha dos conhecimentos com o riso leve de lenta confiança.

Menina de uniforme, lépida, faceira, sapato engraxado, saia limpinha, blusa engomada, trajada para a festa do saber: festa que se prolonga, nos anos felizes de formação, em sinfonias, bailados, bombas e ardores.

Tem medo da mestra, da tabuada, da Álgebra complicada, das intrincadas facetas e eventos da História. Tem medo do sino, que repica na hora, sem um minuto de atraso para os devaneios.

Entra nas filas, que vão, sinuosas, desembocar nos corredores. As portas se abrem, as goelas as engolem, trituram, e as devolvem, depois, saciadas.

Menina, que vai nesse rio, rio de gente, pingos de gente, que vão nos compêndios se dessedentar. As mesmas carteiras, anos e anos, vão rabiscando; lápis travessos, irreverentes, vão desenhando corações entrelaçados, iniciais caprichosas, símbolos que gritam um despertar. E as mestras rabujam e gritam e, em grandes clamores, pedem clemência para os móveis machucados.

Você não depredam, antes constroem, deixando perfis, desenhos, evadindo-se das mentes os pensamentos, sonhos inteirinhos, que são como nuvens dispersas que nenhum céu pode conter...

Nas suas gavetas, livros, cadernos e versos, em doce harmonia, vivem em desordem. Recorta, com uma tesoura inquieta, sonetos, pensamento; invade com eles seus domínios. Álbuns de artistas, esbeltos astros graúdos; crianças angélicas, olhares azuis; moças que olham, misteriosas, do fundo de uma beleza que você quer possuir.

Menina, que tem vagas memórias, vagas saudades; que desliga os laços de afeto com que a família a quer agarrar. Não quer prisão, não quer gaiola; é um pássaro tonto, evadido, rebelde num uniforme que não consegue despersonificar a sua figura esbatida em tons de lirismo.

Seu jeito de andar, sua conversa, seu riso brejeiro, enfeitam essa roupa tesa, engomada, cheia de encanto.

Em manhãs coloridas, dançam os pássaros em acrobacias, no seu caminho.

Você vai caminhando, com suas armas, frágeis e ricas, sorrindo ou tremendo.

Os livros dançam, as letras bailam, a Geografia, a Geometria. Grandes problemas enchem de glória páginas inteiras. Batalhão de números, números doidos, cansam-lhe a memória, fatigam-lhe a mente.

No entanto, prossegue, altivamente submissa e dá conta de tudo. Quer movimento e queda sossegada. Quer conversas e risos e sabe calar na hora precisa. Quer amores, os seus, os de outrora, e sonha, ansiosa e expectante, os heróis que construirão a sua própria História.

Quando eu a vejo, menina loura, menina morena, menina feia, bonita – que importa? – menina, num uniforme aprisionada, eu volto na vida, caminho de volta para anos atrás...

Nas minhas lembranças, visto essa roupa. Caminho ligeira, caminho saudosa, carrego no peito o coração leve, na

mente os sonhos que vai sonhando você... E a compreendo tão bem!

Os passos são outros, os tempos são outros, as pernas são outras, as memórias são outras; mas na saudade, num breve momento, de roupa emprestada, vou-me reencontrar!...

Ora viva! Ou bem viro cronista e mando às favas os quitutes, ou fico somente como está escrito no meu passaporte de turista: profissão – prendas domésticas.

Minha mãe que, como toda mãe, quer puxar a brasa para a sua sardinha, reclamou: “Por que você não pôs aí que era normalista!”

Esta semana tanto gabaram um modesto artiguinho meu, que decidi espichar as páginas. Mãos à obra. Fui para a sala, arrumei bastantes folhas de papel e me concentrei.

- Mamãe, vem ver Fulano, que vestiu minha camisa!

E lá vou eu, esbaforida, fazê-lo compreender que se deve respeitar a camisa alheia. Continuamos. Esta semana eu vou trabalhar no lápis. Nada de rosquinhas, nem sequilhos, nem bolos. Para o café – pão com manteiga. Para sobremesa – goiabada e queijo. Ih! Pão me dá azia... Vou fazer as rosquinhas. Passa o meu dia. Jantar. Escreveu? Nada, mas temos a noite. Depois que as crianças dormirem, o silêncio vai ficar muito propício. À noite, temos visitas. É tão agradável “bater um papo” com nossos amigos. E vai até tarde a conversa. Estou com sono; amanhã eu escrevo. Será que a conversa deu para uma crônica? Amanhã eu procuro... amanhece. Os passarinhos ficam gritando nas árvores copadas; parece um bom indício para escrever: eles me comunicam doce otimismo. As crianças despertam e começam as primeiras solicitações. Um quer “Toddy”; outro, gemada; outro, ovo quente. A empregada, paciente, vai-lhes satisfazendo os desejos, enquanto eu saboreio um assunto, na cama.

Vão, depois, para os Colégios: “Sua benção, mamãe; benção, papai.”

Permaneço com o caçula, que é, felizmente, bem-comportado. Dou-lhe lápis de cores e me acomodo. A folha branca me espera. Rebusco, na mente, tantos dos assuntos que a povoam. E ela está cheia de preocupações. Vejo-as catalogadas minuciosamente. Ah! Esqueci-me de pingar o remédio no olho do pequeno, que tem conjuntivite alérgica. O médico recomendou-me: “Observe o que é que lhe faz mal”.

E cheguei à conclusão que é o sol. Se brinca ao sol, os olhos pioram. Mas já se viu tomar o sol de uma criança? O sol, que brinca alegre em seus cabelos e lhe espicha pelo chão a sombra tão querida? Pois vamos remediando com colírios. O outro queixou-se de que estava com o calo doendo, e, na correria da saída, não vi se estava inflamado. Agora me lembro do belo gesto que praticaram ontem. Emprestamos um colchão de molas a um amiguinho acidentado, e eles mesmos fizeram questão de o levar. Puseram-no na cabeça e foram, numa cadência ondulante.

- Vocês não podem com ele! Vão cair!

- Podemos, sim, mamãe.

A boa ação deu-lhes até força suplementar. Benza-os Deus! Que continuem a praticá-las assim pela vida.

Mas contei o caso muito depressa, já acabou e não deu uma crônica. Ah! Também não vou falar sobre as artes que eles fazem. Crianças as fazem mesmo. De filhos nada se deve contar aos outros. Ou eles os têm ou não têm...

Lembro-me agora que preciso dizer algumas coisas a minha filha. Assuntos desagradáveis, mas que devem ser discutidos. Interessariam muita gente, mas há bons livros sobre isso tudo. Passo a mão na testa, já cansada. Que cronista! Nem o

tema achou ainda! Tantos, palpitantes, se oferecendo. O difícil é escolher...

E o coração começa, então a se desmanchar em recordações. Ele anda impossível! Vive querendo voltar ao passado, buscar reminiscências, reviver ingenuidades de quando era um coração deste tamaninho...

- Tenha modo, coração! Acho que você passou da época dos sonhos.

E ele responde, tristonho:

- Mas eu tenho saudades...

Eu bem que o sei, mas peço que se cale. Então não saber que o que distingue a mãe de família é ter um coração sem tempo nem de recordar? Precisa dar tudo de si, as suas pulsações todas, os seus esforços, seu tempo de vida, suas energias, tudo para os filhos.

Mas ele é imenso; cresceu tanto depois que as crianças nasceram... Insiste em impor-se. Quer recordar... Imagine! Dou-lhe um pito, outra vez. Será que estou ficando neurastênica? Preciso conservar o meu humor intacto para ser uma cronista jovial! Às vezes, terei que despejar tristezas nas folhas que encho; é tão difícil separá-las das alegrias. Principalmente quando se tem armazenado um toque de melancolia, como às vezes sinto que tenho. E elas estão sempre tão juntas: venturas e desditas...

A campainha chama, insistentemente. Telefone. Chamado demorado. Recados. Custa-me decorá-los todos. Febre, tosse, calafrios. Não me esquecerei.

Acho que já estava ficando psicologicamente preparada para o que me propunha. Certamente não estava com a cabeça boa para recados. Uma coisa, ou outra. Tem que ser assim mesmo; é a vida: tudo misturado. Põem-se rótulos mais ou menos organizados nos dias, mas não se conta com os imprevistos, que sempre vêm...

Comecemos de novo. Eu já tinha escolhido o assunto? Batem à porta. Vou ver quem é. Prosa animada. Doentes, doenças, providências, compras, assuntos de todo dia. Mas não queria escrever sobre eles; queria-os os mais construtivos. Penso que para uma senhora serão melhores. E foram chegando diversos temas à minha porta. Só que não davam tempo para que os anotasse. Querem ver? Veio um meninozinho de olhar triste pedir pão. E eu tive vontade de falar na pobreza destas crianças que pedem um pedaço de pão para matar a fome. Vontade de ser eloquente e fazer um belo artigo que chegasse ao coração de quem pode fazer alguma coisa por elas. Nós podemos fazer tão pouco, além de saciar uma fome passageira!

Depois chegaram outros assuntos. Certa mulher, magra e triste, pedindo auxílio para consertar sua casinha. Como é sério o problema da moradia neste país! Precisamos resolvê-lo; não temos muito tempo para pensar, não; está na hora de agir. Os filhos da luz dormem e os outros estão vigilantes...

E, se eu escrevesse e arranjasse palavras bem bonitas, umas palavras domingueiras, será que alguém me daria atenção?

Depois vejo que não saio do meu estilo de dia de semana, e, se tiver que comover alguém, tem de ser com ele mesmo.

Verduras para o almoço. A seca está medonha, o verde acabando...

Bem, lá se foi a manhã. Chegam as crianças. Novidade. Passamos em revista o que nos contam. É preciso separar o joio do trigo:

- Muito bem; muito mal!
 - Não é assim que se come, segure o garfo direito!
 - Verdura é bom para a saúde!
 - A professora tem razão!
- Eternas lições que se repetem...

Despem os uniformes, contam peripécias, e saem para brincar. Vou fazer uns consertos. Botões que se despregam, elásticos que se gastaram, movimentos de pernas e braços que esticam tão depressa! Choro! O que foi? Prego um remendinho na alma machucada. Não foi nada. Isso tudo dará um assunto para o que eu quero? Quando?

O telefone continua a retinir, estridulamente.

A porta a bater, repetidamente.

Recados. Frutas. Presentes. Amostras. Recados...

As crianças chamam: Mã... mãe!

Olha o Fulano!

Ah! Se eu tivesse bastante silêncio!

Se eu tivesse um cantinho bem aconchegado, manso, sem ruído, garanto que hoje eu escreveria uma boa crônica.

Mas assim!...

O rádio está velho, os cromados já se enferrujam. Acho que está cansado. Há quanto tempo vem dando notícias, contando novelas, cantando sem tréguas! Sempre trabalhando no ar tragédias e felicidades, casos de amor que acontecem; e vem repetindo que Melhoral é melhor e não faz mal e que o Repórter Esso é primeiro a dar as últimas.

Tenho pena desse cansaço. Dessas cores que se apagam, dos maquinismos que se desgastam e da voz, possante e clara, que aos poucos se foi tornando desafinada e tensa. Até parece um homem velho com a mesma voz cansada de repetir inúteis conselhos e contar, repisadas vezes, suas mais gratas aventuras. E que gastou suas forças e sua vitalidade servindo e que também precisa de conserto.

O rádio vai para a oficina. Trocam-lhe pilhas ou válvulas. Envernizam e avivam-lhe as cores da madeira, fortalecem-lhe a voz; cromarão de novo, se quiserem, os seus frisos machucados. Com a aparência remodelada, ainda continuará por mais tempo gritando as suas sensacionalidades.

E os homens têm de se conformar com o desgaste definitivo e sem remédio de seu arcabouço. Não há oficinas competentes e muito menos sobressalentes para os seus órgãos cansados. E seria uma beleza se houvesse!

As moças haveriam de trocar seus corações lacerados e, substituídos eles, se eternizariam vidas tão preciosas.

Mas há grande e estranha dignidade nas coisas que envelhecem! Uma beleza que se acentua pela riqueza das memórias, pela perpetuidade dos dias de esperança e expectativas. Móveis, máquinas, animais! Como se a vida, além da experiência, lhes trouxesse também linhas austeras e nobres,

com que lhes revestisse os perfis. Como se o tempo, em passado, lhes enriquecesse as formas com suas lembranças e suas dádivas.

O rádio sai, balançando, nas mãos do empregado, e fica o vazio de uma presença no seu lugar. Fico pensando na generosidade destas máquinas. Temos visto, nos casebres de operários e de pobres outros, pequeninos e empoeirados aparelhos que distribuem alegria e passatempos.

Lembro-me agora de que me contaram que estava certo senhor, médico, lendo o seu jornal. Isso quando as notícias primeiras, desse sensacional invento, apareciam nos jornais.

Então, disse para a mulher:

- Vou comprar, brevemente, um aparelho que nos fará ouvir, aqui, uma pessoa cantando no Rio de Janeiro.

Ela nem levantou os olhos do sapatinho que tecia em tricô e disse incrédula:

- Você, por ser doutor, pensa que a gente é boba...

Então, porque continuei pensando nestas coisas todas e olhando para o vazio daquele rádio, senti certa melancolia (pensei numa vida se indo embora) e fiquei ouvindo uns irmãos de meu rádio, naquelas vozes metálicas, enchendo de sons outras casas...

Mirei uma porção de fios que se atravessavam nos postes da rua, a torre brilhante da Matriz, toda rendada de fios, e além, a amplidão sem fim dos céus, cheia de mistério.

Dos mistérios e milagres dos sons, das captações maravilhosas, dos operários anônimos que trabalham para o nosso conforto, nosso desfrute. A eletricidade, os inventores, os construtores, os benfeitores silenciosos de nossas vidas.

E aqueles fios teceram para mim uma prece enternecida e grata, como minha própria garganta nunca seria capaz de fazê-lo...

É um espetáculo frequente e pitoresco um leilão em nossa cidade do interior. Aqui, lembrados dos governos apenas por minguadas verbas de beneficência, todos se unem para suprir as suas deficiências. Assim é que este povo, pequeno e realizador, já conseguiu construir e mantém um bem equipado hospital, com leitos particulares e para indigentes. Construiu uma belíssima igreja matriz, na qual se ultimam os arremates de embelezamento, e vai começar a construir o Asilo São Vicente de Paulo.

Uma das modalidades de que dispomos a fim de angariar dinheiro para essas obras é o leilão. Primeiro, nomeiam-se os festeiros. Eles pedem ou confeccionam as prendas, sempre ótimos assados, frangos douradinhos, doces apetitosos e coloridos, e, no domingo, após as missas e ao som de entusiásticos dobrados, começa o movimento. Dois ou três leiloeiros, pobres sacrificados, esgoelam-se reputando a mercadoria como se fossem seus legítimos donos:

- Quem dá mais? Sessenta, oitenta, cem!

- Olhem que beleza! Isto deve estar gostoso!

Às vezes olham um nome embaixo do prato e anunciam:

- Foi Fulana quem fez!

Há gente que tem um cartaz! Sabe-se que são verdadeiras fadas culinárias... Se o nome não for lá muito convincente, o leiloeiro não diz nada. O arrematante que corra o risco. Afinal, o motivo que o leva ali não é propriamente a gulodice, mas o auxílio monetário que vai prodigalizar. Há, muita vez, as lutas verbais, provocações divertidas para que a renda seja melhor. Há leiloeiros hábeis na trama de perscrutar as fisionomias para ver quem está disposto a “topar a parada” ...

- É tanto, e o “seu” José come...

O outro, espicaçado, põe um lance maior.

-Pronto, tanto, e o “seu” José não come mais...

E o “seu” José e o “seu” João vão assim até onde lhes permite a coragem, a paciência ou o bolso. Depois um tem que ceder..., o “seu” José arremata e, não raro, convida o “seu” João para comerem juntos o “pomo”, ou, cavalheirescamente, lhe oferece a prenda.

E assim prosseguem, animadamente, até saírem as oitenta ou cem prendas de que geralmente se compõe o leilão. Mas, durante ele, os festeiros ficam ali, atentos, dando seus lances reforçativos, para que nada saia barato.

Ninguém faz negócio, não; quando muito pagam o preço razoável, porque, normalmente, pagam muito mais...

E a gente vê, pelas ruas, respeitáveis senhores indo para o almoço em família, carregando o seu reforço. Às vezes, um doce de que o filho gosta, um quitute que a esposa prefere, ou qualquer coisa que, se não conhecem, vão experimentar...

Mas o mais interessante e admirável é que fazem tudo isso como se estivessem gostando! Oferecem um espetáculo de divertimento e quem observar poderá achar que todos os que estão ali, leiloeiros, festeiros ou arrematantes, estão muito felizes, sorridentes e brincalhões!

Apesar do sol, do barulho incômodo, do trabalho e das canseiras, do desconforto de tanto tempo de pé. Mas eles sabem, todos, que estão sendo úteis, trabalhando por um ideal, construindo um patrimônio para a cidade, que amam, e que, com uma cara alegre, tudo fica mais fácil...

Então, todo mundo leva o seu tijolo como se, ao invés de pedra, carregasse flor...

Você disse, folheando as minhas páginas, que eu me refiro muitas vezes aos retratos. É verdade. Eles sempre me impressionaram.

Mesmo quando você falava, só de bom, comentando, analisando as minhas pobres letras, eu buscava um retrato.

Palpável. Real. Vivo.

Nos dias de reclusão, chuva ou lombrigueiro, uma de nossas prediletas ocupações era remexer a gaveta de retratos.

E havia lá o de um moço bonito, de olhar verde e fundo, com original dedicatória a um canto, endereçada a meu pai, seu professor.

Na estante, onde eu sempre gostei de afundar o nariz, havia o “Surupango”.

Sem perguntar nada - nunca fui perguntadeira - identificando o nome, eu os casei por minha própria conta.

Enquanto você falava, ele veio vindo, aquele olhar que vi outro dia, igualzinho, nos olhos de seu filho; a vida palpitando forte, ali, a cabeça agigantada de ideias, a poesia ardendo, como febre, dentro dela, e fiquei pensando – sabe? – como a vida é sábia e boa.

As coisas em que fiquei pensando eram pedaços de suas poesias. Os seus livros que desfilaram entre diálogos, “O homem que conversa com a semente” - que beleza! - “Anjo de Capote” – que nome estranho! – não me fizeram perder nada do que você disse.

Pensei tudo nas entrelinhas, nas pausas das conversas.

Eu gosto muito mais de adivinhar as palavras que se pensam do que as que se dizem. São, às vezes, tão diferentes! Pode estar certo que entendi tudo o que me falou.

Mas, voltando ao seu retrato, aos olhos de seu filho e tudo o mais, eu acho que a vida é sábia, porque, indo-se, nos devolve, através de nossos filhos, o que nos vai tirando.

Se não os tivéssemos, então iríamos embora de uma vez. Sempre volto a este tema. Mas não reparou quantas vezes nossos filhos entraram em nossa conversa?

Ficamos sabendo uma porção de coisas da vida deles e até ingênuos alcoviteiros, tramamos os seus romances.

Isso é a nossa vida...

Bem, desculpe-me; isto pode não parecer, mas é um agradecimento.

Fiquei-lhe muito grata pelos seus conselhos e vou segui-los.

Quantas vezes quis tentar esta página, quantas desisti. Queria-a tão bela, tão primorosa, que não me sentia capaz de realizá-la. Mas, eu ia compondo, no coração e na mente, certa de que, alguma vez, o lápis se atreveria.

Queria usar palavras extraordinárias, porém o meu material é simples e é com ele que tenho de expressar ternura, admiração...

Não é preciso gerar muitos filhos para ter uma família grande como a dele - “Seu Brito” . Pois todos os que passaram por suas mãos de mestre sentem por ele esse sentimento filial.

E, tendo um coração assim, certamente amalharia tantos filhos espirituais!...

Naquele livro que tantas vezes manuseou conosco – o dicionário – esse livro tão grande, que sempre nos admiramos houvesse cabido todo em sua cabeça, está anotado – “filho – o homem em relação a quem educou”.

Foi por isso que, numa recente reunião entre advogados, todos eles seus insígnis alunos, disseram, numa frase feliz e comovida: “Somos irmãos em Brito”.

Há tantos facho iluminados, por esse Brasil imenso, impulsionando-o, engrandecendo-o, e que se acenderam nesta modesta e escondida luz, que cintila nesta terra, há cinquenta anos, gastando-se em generosa dedicação!

Conhecedor de várias línguas, uma das quais – o alemão, quando o descobrimos lendo numa delas, quase se desculpa de ser tão culto. E disfarça, na simplicidade tão característica, dizendo, reservado:

- “Eu só leio...”

Ele modelou, em cada coração de ex-aluno, um retrato: a figura cativante e bondosa do mestre perfeito, com os imperecíveis contornos da modéstia, com brilho da cultura discreta, e a dedicação de cada hora. E ele ali permanece, imune à inclemência do tempo, iluminado pela gratidão e engradecido pela saudade.

Junto do rendilhado intelectual que primorosamente ia tecendo em cada espírito em formação, exercia influência poderosa de sua força, de sua personalidade esplêndida, toda voltada para o belo, o bem, o culto, o perfeito. Tantos terão norteado os seus passos incipientes e vacilantes nas vívidas lições de caráter, de doçura, de solidariedade, que vinham de “quebra” com as lições de gramática.

Com que finura e sutileza temperam ensinamentos de Língua e bom humor! Ensinava-os, como o divino Mestre, com parábolas da vida, ilustrando suas aulas – tão saudosas! – com histórias pitorescas, nas quais éramos os próprios protagonistas.

E tinha um jeito tão seu de contá-las, com tanta graça, espírito e engenho, que conserva sempre a mesma saborosa graciosidade. Sabia, com carinho, interesse, despertar as possibilidades latentes em cada aluno, escondidas muitas vezes por uma timidez excessiva.

Descobria, sempre, um modo de admirar o discípulo, encorajá-lo, realçando um pequenino êxito, estimulando-lhe qualidades adormecidas. Psicólogo nato, penetrava, não sei por que misteriosas frestas, no íntimo de cada discípulo, e impunha-lhe confiança e coragem, a fim de que, sob sua decisiva influência, se desabrochassem capacidades nascentes e ainda trôpegas.

Descobria os problemas adolescentes e frágeis, evitando fracassos e desânimos. Tinha, para cada um, epíteto carinhoso, - um modo jovial de estimular atenções dispersas, alevantar disposições fatigadas. Sob sua orientação segura, descortinamos

a pureza dos clássicos, as maravilhosas páginas dos grandes escritores, que nos ajudavam a formar o gosto, a cultura, o apuro literário. Não fossem suficientes as aulas do Ginásio, ele as tirava, suplementares, de seu descanso, de seu sono.

Eu, pelos laços de família que nos unem, tive o privilégio abençoado de ter convivido intimamente com ele e sinto - e senti sempre - que, junto dos burilamentos em meu português, com os quais até hoje lhe dou trabalho, emana de sua pessoa exemplo de energia, de heroísmo, aureolado na simplicidade austera em que sempre viveu.

Esse idealismo vibrante que o caracteriza e essa personalidade incomparável que o distingue nos modelaram, a todos os seus alunos, abrindo-nos os olhos frágeis e sonhadores para as admiráveis belezas do espírito e do saber.

Eu o conheci sempre assim, tão devotadamente solícito, risonho, cordial, feliz, paciente. Ah! Tenho vontade de encarrear aqui todos os adjetivos belos que aprendemos...

Sempre o conhecemos assim – pobre, os ternos quase sempre puídos e cuidadosamente limpos, os sapatos gastos, um eterno guarda-chuva sob o braço, tudo isso – tão sem importância – como que realçando a sua competência.

Quantas vezes os seus passos, que vão ficando mais vagarosos, fizeram essa caminhada dedicada – da casa ao ginásio! Os cabelos cada vez mais brancos, o coração cada vez mais cansado, mas o entusiasmo sempre o mesmo!

E, cada vez, sai para dar! O seu trabalho, as suas aulas, são o presente que distribui - sai distribuindo a sua riqueza, que jorra do coração imenso e nobre, das luzes da inteligência, brilhante, paciente, modesta.

Vejo de longe a silhueta, que vai ficando alquebrada, mas percebo também uma luz discreta o cobrindo de ternura. As rugas

profundas, cavadas pelas preocupações, o cansaço dos anos pesando-lhe nos ombros, esse brilho que irradia tão visível, talvez tudo isso provenha dos olhos, do imenso olhar profundo, vivo e benevolente com que abrange as gerações que ensinou.

Quando adoeceu, e parecia que Deus o estava querendo – seria que os anjos precisassem de um professor? – as ansiedades e orações de todos os que lhe querem bem foram tamanhas e tão sinceras, que Ele desistiu de seu propósito. E a sombria ameaça que o cobrira foi-se de vez, e ficamos desfrutando, felizes, a profunda e generosa sombra de seu afeto, de seu entusiasmo.

Quando éramos crianças, fazíamos, seus filhos e sobrinhos, em sua companhia, longos passeios, pelas estradas jovens e floridas de nossa cidade, aprendendo, da natureza, que se desnudava e se expandia em dádivas para os nossos olhos ingênuos, nas suas lições de ternura. E sua voz mansa, encantada, nos ia fazendo participar de seu fascínio para as divícias da vida.

Agora, nós vamos a sua casa, e de cada vez que transpomos aquela soleira, na conversa saborosa e calma, recebemos ainda lições fresquinhas de otimismo genuíno, com que nos conta as gracinhas dos netos ou uma bela página que leu.

De vez em quando, diante de sua porta modesta, para o carro de um ex-aluno. Aquele dia – bem o sabemos – é de abençoada euforia.

A gratidão é uma flor de agradável perfume e colhê-la assim, inesperada e grácil, perfuma-lhe a fisionomia risonha.

De outras vezes são presentes, geralmente livros, seus amigos mais antigos, mais caros e sempre recentes, com que ausentes lhe dizem que dele se lembram.

E são como um bálsamo, para o seu cansaço e para a sua velhice, essas visitas e essas lembranças...

Eu gosto de lidar com as palavras. Este gosto, que ele acabou convencendo-me de ser fascinante, vejam no que deu!

Quando eu mais precisava delas bem dispor, fi-lo tão confusamente, pois minhas mãos por vezes ficavam trêmulas e a vista turvada de emoção!

No entanto, sinceramente, esta deveria ser a página mais bela, mais primorosa, de quantas já escrevi...